

MATHIEU DE LA PORTE, E A CIÊNCIA DOS NEGOCIANTES (1704)¹

Hernâni O. Carqueja²
hoc2@sapo.pt

APOTEC-Lisboa

fecha de recepción: 01/06/2011
fecha de aceptación: 05/09/2011

Resumen

Estas notas se basan en la revisión crítica de las observaciones de autores acreditados y en el análisis del libro *“La science des negocians et teneurs de livres o Instruction Generale pour ce qui se pratique dans les Comptoirs des Negocians, tant pour les affaires de Banque, que pour les Marchandises & Chez les Financiers pour les Comptes”*. La primera edición francesa de este libro data de 1704 y fue reimpresso y reeditado hasta después de 1800. El objetivo es esclarecer la contribución de Mathieu de la Porte en el perfeccionamiento y divulgación de la partida doble y especialmente rastrear la aparente utilización del texto “por preguntas y respuestas” por parte del autor anónimo del “Tratado sobre as Partidas dobradas” editado en portugués en Turín en 1764.

La influencia de este autor en España, Francia e Italia es reconocida, respectivamente por Hernández Esteve (1996: 548), por Anne Fortin (1998: 259) y Vlaemminck (1956: 131 a 132). En la literatura contable en lenguas no latinas no es tan fuerte el reconocimiento de la influencia de Mattheu de la Porte, aunque se reconoce, por ejemplo, en Alemania por Dieter Schneider (1998: 278).

La edición en Portugal de la obra *“Guia de Negociantes ou Novo Tratado sobre os Livros de Contas em Partidas Dobradas”* en 1794, que a su vez es traducción de otro libro de “Mr. De

¹ Os apontamentos incluem alguns extractos do texto, com e sem rectificações, alterações e actualizações, de apoio à comunicação *“O Guia dos Negociantes e Outros livros de contabilidade Portugueses até 1800”*, apresentada pelo autor na III Jornada de História da Contabilidade, organizada pelo CEHC da APOTEC em cooperação com o ISCAL a 3 de Fevereiro de 2006, e publicado no Boletim do Centro de Estudos de História da Contabilidade, APOTEC, n.ºs. 38 a 44, anos 2008 e 2009, e na Revista de Contabilidade e Comércio, vol. LX, nº. 238, pp. 395 a 442.

² Conselheiro do Centro de Estudos de História da Contabilidade da APOTEC. Editor da Revista Portuguesa de Contabilidade, ex Prof. Assoc. Conv. Da FEP, ROC nr. 1 (act. suspensa). HERCAR- Gestão e Estudo de Empresas, SA., Prct. Adelino Amaro da Costa, 778-2D, 4050-012 Porto (Portugal).

la Porte" con primera edición en 1685; la mención de "mons. De la Porte", como referencia para justificar la autorización de publicación de la obra "*Mercador Exacto*" de João Baptista Bonavie, editado en 1741; o el hecho de que muchos párrafos del "*Tratado sobre as Partidas Dobradas*", editado en Turín en 1764 sin indicación de autor, sean una traducción casi literal de algunos párrafos de "*La Science des Negocians*" son la evidencia de la especial influencia de Mathieu de la Porte sobre la contabilidad por partida doble en el ámbito portugués.

Las apreciaciones de autores acreditados, destacan, entre otras cosas, la prolongada serie de ediciones de este libro, la claridad y esquematización de su exposición, la presentación de libros de contabilidad o la clarificación de los procedimientos para el cierre y la reapertura de cuentas y, en particular su contribución a la clasificación y a la ordenación de las cuentas.

Palabras clave: Clasificación de cuentas; De la Porte; De Laporte; Mathieu de la Porte; Partida doble; Planes contables.

Abstract

These notes are based on the survey of the observations of accredited authors and on the analysis of the book "*LA SCIENCE DES NEGOCIANS ET TENEURS DE LIVRES, ou Instruction GENERALE pour ce qui se pratique dans les Comptoirs des Negocians, tant pour les affaires de Banque, que pour les Marchandises; & chez les Financiers pour les Comptes*". The first edition of this book in French was in 1704, and then it had reprints and reeditions until after 1800.

The defined task is to explain the contribution of Mathieu de la Porte for the improvement and spread of the doubled entries and, especially, to register the influence in Portugal, and the borrowing of several pages in "*Tratado sobre as Partidas Dobradas*", in Portuguese, edited in Turim, 1764.

The influence of this author in Spain, France, and in the Italian Peninsula, is recognized respectively by Hernández Esteve (1996:548) by Anne Fortin (1998:259) and Vlaemminck (1956:131 to 132). In the accounting literature, in not Latin languages, it is not so emphatic the recognition of the influence of Matthieu de la Porte, though it is recognized, for example, in Germany by Dieter Schneider (1998: 278).

The publication, in Portugal, of the "*Guia de Negociantes ou Novo Tratado sobre os Livros de Contas em Partidas Dobradas*", in 1794, which is a translation of a previous book of "Mr. De la Porte" with the first publication in 1685; the quotation, a reference to justify the authorization of publication of the "*Mercador Exacto*" of João Baptista Bonavie, of an edition, in 1741, of "Mr. De la Porte"; the fact that many paragraphs of the "*Tratado sobre as Partidas Dobradas*", published in Turim, without author's identification, in 1764, are almost a literal translation of paragraphs from "*LA SCIENCE DES NEGOCIANS ...*"; these facts produce evidence of the special influence of Mathieu de la Porte in the knowledge about double entry bookkeeping in Portuguese.

The appreciations for accredited authors detach, among others subjects, the prolonged series of publications of this book, the clarity and squamatization of his presentation, the inclusion of auxiliary books, the description of the procedures for closing and reopening accounts and, in special, his contribution for the improving of the list of accounts.

Keywords: De la Porte; De Laporte; Delaporte; Double entry bookkeeping; Mathieu de la Porte, List of accounts.

Resumo

Estes apontamentos baseiam-se na recensão das observações de autores acreditados e na análise do livro *"LA SCIENCE DES NEGOCIANS ET TENEURS DE LIVRES, ou Instruction GENERALE pour ce qui se pratique dans les Comptoirs des Negocians, tant pour les affaires de Banque, que pour les Marchandises; & chez les Financiers pour les Comptes"*. A primeira edição deste livro em francês foi em 1704, e registou reimpressões e reedições até depois de 1800.

Têm como objectivo esclarecer o contributo de Mathieu de la Porte para o aperfeiçoamento e divulgação das partidas dobradas e, especialmente, registar a aparente utilização do texto "por perguntas e respostas" pelo autor anónimo do "Tratado sobre as Partidas Dobradas", editado em português, em Turim, em 1764.

A influência deste autor em Espanha, França, e na Península Italiana é reconhecida respectivamente por Hernández Esteve (1996: 548) por Anne Fortin (1998: 259) e Vlaemminck (1956: 131 a 132). Na literatura contabilística em línguas não latinas não é tão enfático o reconhecimento da influência de Mathieu de la Porte, embora seja reconhecida, por exemplo, na Alemanha por Dieter Schneider (1998: 278).

A edição em Portugal do *"Guia de Negociantes ou Novo Tratado sobre os Livros de Contas em Partidas Dobradas"*, em 1794, que é tradução de um outro livro de "Mr. De la Porte" com a primeira edição em 1685; a citação, como referência para justificar a autorização de publicação do *"Mercador Exacto"* de João Baptista Bonavie, de edição em 1741 de "mons. De la Porte"; o facto de muitos parágrafos do *"Tratado sobre as Partidas Dobradas"*, editado em Turim sem indicação de autor em 1764, serem tradução quase literal de parágrafos de *"La Science des Negocians"*; são evidência da especial influência de Mathieu de la Porte no saber sobre partidas dobradas em português.

As apreciações por autores acreditados anotam, entre outros temas, a prolongada série de edições deste livro, a clareza e esquematização da sua exposição, a apresentação de livros auxiliares, o esclarecimento dos procedimentos para encerramento e reabertura de contas, e, em especial, o seu contributo para o apuro da classificação e seriação de contas.

Palavras chave: Classificação de contas; De la Porte; De Laporte; Delaporte; Mathieu de la Porte; Partidas dobradas; Planos de contas.

Apresentação

Mathieu de la Porte e o seu livro *"LA SCIENCE DES NEGOCIANS ET TENEURS DE LIVRES, ou Instruction GENERALE pour ce qui se pratique dans les Comptoirs des Negocians, tant pour les affaires de Banque, que pour les Marchandises; & chez les Financiers pour les Comptes"*, com a primeira **edição em 1704**, e que neste comentário designarei, em português, como *"Ciência dos Negociantes"*, ou só *"Ciência"*, são marcas na história das partidas dobradas em muitos países europeus, em especial nos países com línguas latinas.

A **influência** deste autor **em Espanha** é reconhecida por Hernández Esteve (1996: 548) em artigo incluído na enciclopédia editada por Chatfield e Vangermerch. Na mesma enciclopédia Anne Fortin (1998: 259) reconhece a influência **em França**. Vlaemminck (1956: 132; tradução) anota “*é incontestável que a obra de De la Porte teve uma grande influência no desenvolvimento da contabilidade designadamente na França e na Itália*”.

Na literatura contabilística em **línguas não latinas** não é tão enfático o conhecimento da influência de Matthieu de La Porte, embora seja reconhecida, por exemplo, na Alemanha por Dieter Schneider (1998: 278).

Em **Portugal**, está bem documentada a influência de De la Porte e do seu livro *Ciência dos Negociantes*.

A **Licença do Paço** autorizando a edição em **1758** do “*Mercador Exacto*”, de João Baptista Bonavie, cita a edição de 1741 em francês da “*Ciência dos Negociantes*”, de Mons. De la Porte, o que indicia reconhecimento de notoriedade do livro e do autor na época.

Em **1764** foi editado em português em Turim (Península Italiana), de autor não identificado, o “*Tratado sobre Partidas Dobradas*” em que uma parte significativa da exposição corresponde a **tradução**, com alguns ajustamentos, do texto por perguntas e respostas da “*Ciência dos Negociante*”.

Em **1794** foi editado o “*Guia de Negociantes ou Novo Tratado sobre os Livros de Contas em Partidas Dobradas*”, **tradução de um primeiro livro de “Mr. De la Porte”** com a primeira edição, **em 1685**, portanto cento e nove anos antes, com o título em francês “*Le Guide des Négociants et teneurs de livres, ou Traité sur les livres de comptes à partie doubles, contenant une instruction générale pour les bien tenir suivant le véritable méthode italienne, et environ 300 questions avec leur solutions et réponses, sur toute sort de négociation qui peuvent arriver aux marchands, banquiers et autres négociants*». Nestes apontamentos refiro, em português, este livro como “*Guia dos Negociantes*” ou só “*Guia*”, mesmo quando tenho como base a primeira edição em francês.

O primeiro manual impresso usado como livro de texto na Aula do Comércio de Lisboa, o “*Guarda-Livros Moderno*”, por Cabral de Mendonça, com edições em **1815**, 1823 e 1835, adoptou forma e organização que sugerem ter sido tomado como figurino a “*Ciência dos Negociantes*”.

Este apontamento justifica-se pela importância atribuída a De la Porte na divulgação e desenvolvimento do saber sobre partidas dobradas no contexto europeu, e, em especial, pelo seu contributo para a evolução do saber em Portugal.

1. Mathieu de la Porte: apontamentos biográficos

Até 1974 pouco mais se sabia de **Mathieu de la Porte** do que consta dos livros que editou, e que procuro esclarecer nos parágrafos seguintes.

Da **capa do Guia dos Negociantes, edição de 1685**, consta, a seguir ao nome do autor, (1685: tradução livre): "*Holandês, mestre calígrafo, perito & professor jurado, verificador, & guarda livros & aritmético, em Paris*". Na mesma edição, consta como indicação relativa ao **lugar de venda** do livro pelo autor: "... onde ele ensina, a escriturar os livros de contas em partidas dobradas, os câmbios estrangeiros, a aritmética aplicável a todas as espécies de negócios, a conversão de moedas, pesos e medidas de países estrangeiros para o seu valor em França: traduz, converte e verifica todas as espécies de contas e facturas estrangeiras, escritura livros de contas dos negociantes, perito para verificação das que estiverem confusas, ou contestadas em justiça, & regulariza os negócios, e contas entre os negociantes e associados". Do **extracto do título de privilégio** que lhe é concedido por **dez anos**, (1685: folha não numerada) consta: "*autoriza-se Mathieu de la Porte, mestre de caligrafia, perito, & guarda livros jurado, e aritmético em Paris*".

Na **edição de 1704 da Ciência dos Negociantes** constam igualmente indicações sobre o autor, com algumas diferenças de conteúdo e redacção. As qualificações indicadas na **capa** são (1704: tradução livre): "*Professor guarda-livros, aritmético, mestre jurado de escrita, perito na verificação de escritas, assinaturas, contas e cálculos*". Na **primeira folha** indica-se o que ensina na escola (em Paris, rua Aubry-Boucher): "*Método de escriturar os livros de contas em partidas duplas e simples. Câmbios estrangeiros, conversões de moeda, pesos e medidas, e tudo o que respeite ao comércio. Aritmética por um novo manual, aplicado aos negócios do comércio, fianças, avaliação, agrimensura, geometria, fortificação, trigonometria, uso de tabelas de senos e de logaritmos, & os princípios da álgebra. O autor faz e verifica toda a espécie de cálculos. Escritura e verifica os livros dos negociantes.*" No documento em que lhe é concedido **privilégio por seis anos, a identificação do autor limita-se** "*Sieur De la Porte*".

Até 1974 não estavam divulgados outros dados biográficos, incluindo naturalidade e relações entre o autor e a Holanda. Questionava-se a relação entre os dois livros, o *Guia, de 1685* e a *Ciência, de 1704*. Em 1970 ainda Stevelinck levantava a hipótese (1970: 130) de o *Guia dos Negociantes* e a *CIÊNCIA dos Negociantes* corresponderem a livros de dois autores, filho e pai com o mesmo nome.

Foi a pesquisa de Pierre-Louis Menon³ (1974), conforme escreve Jouanique (1993: 67), que permitiu a reconstrução de algumas referências da vida de **Mathieu de la Porte**, ao encontrar os documentos correspondentes à **acta da sua abjuração do protestantismo, em 1684**, e o da sua **naturalização como francês**⁴, esta de Fevereiro de **1705**. Estes documentos permitem qualificá-lo como **nascido na Holanda** (então Países Baixos) em Nimegue⁵, **cerca de 1660**,

³ Menon, Pierre-Louis "Le Bulletin de liaison et d'information de l'administration central des Finances"; n. 68, octobre décembre, 1974.

Lemarchand (1998: 526) na nota n. 76, identifica o artigo "*Un grand comptable d' autrefois: Mathieu de la Porte*".

⁴ Anota Jouanique (1993: 69) citando R. Dion; "*Historie de la Vigne et du Vin de France*", Paris, 1977: 424; que a naturalização como franceses de indivíduos de origem holandesa foi frequente desde início do século XVII.

⁵ Em francês Nimègue e em neerlandês Nijmegen, localidade a que ficou referido o tratado de paz (1868) que terminou com uma das guerras entre a França e Holanda, e actualmente localidade holandesa próxima da fronteira alemã.

tendo o seu pai o mesmo nome, Mathieu de la Porte e a mãe apelido tipicamente holandês, Jeanne Van Wedrhold. Dos pais e antecedentes familiares nada mais se sabe, embora seja considerado **plausível que a família do pai seja de origem francesa**.

Não se sabe como o autor adquiriu os conhecimentos que transmite, embora deva salientar-se que no livro *Ciência* faz referência⁶ a autores anteriores, designadamente a Rogier, Koninck, Gestvelt, Théodore de Holland.

Lemarchand (1998: 545) alvitra a hipótese de De la Porte ter sido aluno de Claude Irson, com base no título duma conta de exemplo em livro de deste (1678: s/n.^o). Na Figura 1 transcrevem-se os lançamentos do livro de Claude Irson.

Du 10. dudit.		
	<i>Maniere de coucher sur le Journal les Achaps à terme.</i>	
	<i>Dans cette Negociation on vend les Effets achetez Debitours, & le Vendeur Creditour d'une mesme somme, en specifians le terme du payment. Exemple.</i>	
2-	MERCERIES doivent aux Sieurs Jean Bourfin & Mathieu de la Porte L 1365.	
6-	pour 210. paires de bas de foye & laine, comme cy-apres achetez d'eux, payables dans deux mois: sçavoir	
	141. paires bas de foye, assorties de couleur, à L 8-10. la paire. L 1198-10.	} L 1365
	57. d. de laine assorties, à 50. fl. L 142-10.	
	12. d. pour enfant, à 40. fl. L 24.	
6-	Les Sieurs Jean BOURSIN & Mathieu de la Porte, doivent à Caiffe L 1365.	
15-	que je leur ay payé comptant pour les 210. paires de bas, achetez d'eux dès le 10. Janvier dernier. L	} L 1365

Esta hipótese não é afastada pela falta de inclusão de Irson entre as referências de De la Porte a autores anteriores. Também não faz referências ao holandês Abraham de GRAAF⁷ que, conforme conjectura de Stevelinck (1970: 61), o pode ter influenciado em especial sobre a classificação e seriação de contas.

Fixou-se em França por volta de 1678⁸, quando tinha cerca de 18 anos, durante o reinado de Luís XIV, no período influenciado por Colbert, ministro em destaque entre

⁶ Na edição de 1704, prefácio a pág. XII, refere Rogier, Koninck, Gestvelt, Théodore de Holland. Não estão identificados livros impressos tendo como autores os dois primeiros. É curioso anotar que em algumas edições ao referir precedentes é feita referência a Luca Pacioli como primeiro autor sobre partidas dobradas, mas tal não acontece na edição de 1704 nem na de 1769.

⁷ Abraham de GRAAF é um autor em neerlandês de livros sobre matemática e sobre partidas dobradas. Um seu livro editado em 1688 teve sucessivas edições durante mais de um século [Stevelinck (1970: 60 e 61)].

⁸ Será coincidência 1678 ser o ano em que foi assinada a paz pondo fim à Guerra da Holanda (1672-1678), designação dada na história de França? Anota-se que o acordo de paz traduziu-se no Tratado de Nimegue, e esta localidade é a da naturalidade de Mathieu de la Porte.

1665 e 1683. Um legado deste ministro, o **Código de Savary** tinha sido publicado anos antes, em **1673**. Também sob influência de Colbert, foi editado o **livro de Claude Irsou**, em 1678. Está documentado que Mathieu de la Porte **abjurou o protestantismo em 1684**. Então usava a qualificação de *"guarda-livros de sua majestade"*; ora a indicação *"de sua majestade"* não era usual na época, o que permite conjecturar que, nessa data, desempenhava **funções na administração de Luís XIV**. Anota Jouanique (1993: 67) que, não obstante as perseguições religiosas no período de influência de Colbert, mesmo depois da **revogação, em 1685, do édito de Nantes**, em vigor desde 1598, os protestantes continuaram a ser particularmente influentes nos serviços de arrecadação de impostos. Eventualmente podem ter sido as **ligações com protestantes** que viabilizaram o acesso de De la Porte às funções que desempenhava quando da abjuração.

Em **1684** De la Porte foi inscrito, continuando a seguir a reconstrução de Jouanique (1996: 68), **sob a condição de se manter na Igreja Católica Apostólica Romana, na Corporação dos Mestres Calígrafos Jurados de Paris**⁹, cujos membros tinham exclusivo legal da verificação da autenticidade da escrita, do ensino de caligrafia e de aritmética e, mais tarde, também das partidas dobradas.

No ano seguinte, **1685**, publicou o *"Guia dos Negociantes"* que foi traduzido para português 109 anos depois, e cujo título completo foi indicado supra. Da apresentação, feita na primeira edição, consta justificação sobre o formato: possibilitar o transporte num bolso. A *"Ciência dos Negociantes"* foi publicada em 1704, do anúncio consta o endereço da escola em Paris.

Em 1705 Mathieu de la Porte, por carta de naturalização, passa (Jouanique, 1996: 69) a usufruir dos direitos dos nascidos em França.

Migneret (1799 –VII ano da República: pág. VI) reedita, com alterações e aditamentos, a *"Ciência dos Negociantes"* e justifica a sua edição fazendo notar que o Édito de 26 de Maio de 1726, que alterou o câmbio da moeda francesa, não foi tomado em consideração nas edições posteriores, causando confusão no leitor. Pode inferir-se que De la Porte não teve intervenção nas edições posteriores a 1726?

Jouanique (1993: 341) regista como documentada a **inclusão** de Mathieu de La Porte na lista dos "Mestres Calígrafos Jurados" no **"Almanach Royal"** em **1715**, e a **não inclusão** nas listas a partir de **1725**. Também anota que em **1726 o seu nome aparece como credor numa falência**, sendo referido com a qualidade de "burguês de Paris" e que em **edição de 1732 ainda se indica a qualidade de mestre calígrafo jurado** em termos que sugerem que o autor ainda era vivo. Então já teria cerca de 72 anos e, dadas as expectativas na época, é provável o seu falecimento pouco depois.

Em resumo biográfico anoto:

⁹ Em francês da época a designação é "ecrivans". Preferi não usar em português o termo "escrivães" para evitar qualquer paralelo com os escrivães dos tribunais portugueses. Pareceu-me que "calígrafos" seria tradução adequada, considerando que a corporação teve origem num problema de escrita falsa e caligrafia significa arte de escrever bem à mão.

Mathieu de la Porte, embora com nome próprio francês, nasceu nos então Países Baixos, cerca de 1640. Não se sabe como, onde e com quem, aprendeu a escrituração por partidas dobradas, embora faça citação de alguns autores holandeses que o antecederam, no prefácio da sua obra prima, *Ciência dos Negociantes*, editada em 1704. Depois de 1660 viveu em França, em 1684 abjurou o protestantismo e em 1685 foi aceite na Corporação dos Peritos Calígrafos Jurados. No seu livro de 1685, *Guia dos Negociantes*, declara trabalhar como professor em Paris. Em 1705 naturalizou-se como francês, escreveu em francês; mas manteve contacto com a região de origem. Muitas das edições dos seus livros estão referidas a Amesterdão, embora impressas em Paris, Liège, Lyon e Rouen. O seu editor nos Países Baixos é de origem francesa. Não se conhece a data em que faleceu, admite-se como plausível que tenha sido pouco depois de 1732. A sua relação com a Holanda e a França justifica a apreciação de Stevelinck (1970: 130; realces acrescentados): “Foi um **européu antes de existir a qualidade**”.

2. O autor e mestre de partidas dobradas

Vlaemminck (1961: 201) diz que “*Mathieu de la Porte é o autor francês do século XVII que, mais que Stevin e os outros, contribuiu para dar à contabilidade a forma clássica que hoje apresenta. O seu tratado que já conta [escrevia em 1956] dois séculos e meio, não se apresenta como excessivamente arcaico quando comparado com muita da produção moderna*”. Não ficou isolado na sua opinião, partilha-a com outros historiadores acreditados, incluindo Stevelinck (1970: 130), que escreve: “*As obras de Matthieu de la Porte tiveram uma enorme repercussão*”, Melis (1950: 719) que, procurando caracterizar a evolução em França, refere: “*Deixemos de parte os pequenos tratados e mencionemos a obra de Savary e, especialmente, a «Ciência dos Negociantes» de De la Porte, que, ..., foi editada nos setecentos*” e Lemarchand que observa (1998: 557): “*ele fixa, por cerca de dois séculos, o modelo do manual francês de contabilidade*”.

Procurando identificar os contributos de Mathieu de la Porte que justificam estas opiniões, procedi a breve recensão, de que resultaram as observações dos parágrafos seguintes.

Brown em 1905 (1968/1905: 850) embora liste os dois livros, o *Guia* e a *Ciência*, não faz qualquer apreciação. Indica erradamente a data da 1.ª edição da *Ciência* como 1673. Na indicação de datas de outras edições não distingue um livro do outro.

Reymondin, em 1909, repete o erro de Brown referindo a 1.ª edição da *Ciência* em 1673. Regista o **comentário de Deschamps em 1900** (Reymondin, 1909: 90): “*com De La Porte, ..., a contabilidade atinge forma clássica que nós conhecemos o seu tratado com mais de dois séculos não faria muito má figura no meio das produções modernas*”. Deschamps escrevia em 1900 e o período que refere no comentário assenta no erro de atribuição do ano 1673 à primeira edição. Reymondin comenta em particular a edição da “*Ciência dos Negociantes*” de 1712. Como contributos e melhorias (1909: 11) refere a exposição sobre **livros auxiliares** e o uso de **contas de Devedores Diversos e Credores Diversos**. Só por erro de interpretação podem ser equiparadas a contas de razão que agregam contas elementares, estas contas visavam evitar abrir contas no Razão para terceiros com os quais não havia continuidade de negócios e respeitavam a operações curta duração.

Besta (1909: 363, nota 2, e 444, nota 2) no vol. II da sua obra monumental *“La Ragioneria”*, considera o erro sobre datas de edição talvez resultante de confusão com a data do Édito do Comércio, 1673. Baseia a sua análise na edição de 1741, onde regista que, além do édito de 1673 são mencionados diplomas de 1698, 1700 e 1713. Anoto que esta terceira data, 1713, documenta a **introdução de actualizações posteriores a 1712**, edição que muitos autores tomam como referência do livro. Besta destaca (1909: 444) que De la Porte **inclui na exposição as partidas simples**, e refere a organização do Borrador e do Diário e as variantes com utilização de **livros auxiliares** mas ignora (1909: 446) se De la Porte considerou a possibilidade de haver vários diários. Refere (1909: 363) a **classificação de contas em contas do “chefe”**, contas de **coisas em ser**, e contas de **correspondentes**.

Zurdo em 1933, no *“Ensayo Histórico sobre Contabilidad”* dedica várias páginas, 95 a 99, à descrição da obra de De la Porte. Não discrimina correctamente entre as duas obras e, por erro certamente tipográfico, indica como data de edição 1865 em vez de 1685; e, por erro seu, identifica o livro desta edição como a *“Ciência”*. Em transcrição destaca em especial as **regras para debitar e creditar** e, a **classificação de contas**. Refere ainda os entendimentos sobre **inventário e balanço**. Fecha a exposição com referência à apreciação de Deschamps, que já referi supra por ter sido invocada por Reymondin.

Littleton, em **1933**, na sua incontornável obra *“Accounting Evolution to 1900”*, não regista qualquer crédito a De la Porte.

Melis em 1950 enfatiza (1950: 713) a utilização de duas contas “agregadoras”, a de Devedores Diversos e Credores Diversos. A utilização destas duas contas “agregadoras” pode fundamentar o equívoco de considerar existentes contas específicas para os valores que são agregadas. Considerando a **classificação de contas**, transcreve Della Penna: *“ em relação à dita classificação De La Porte afirma a necessidade de distinguir a empresa do proprietário, enunciando portanto o princípio da **personificação da empresa independentemente da personalidade do proprietário**”*.

Vlaemminck (1956: 131, tradução) descreve a obra de Matthieu de la Porte que, segundo pensa, é *“o autor francês do sec. XVII que mais que Stevin e os outros dotou a contabilidade com a forma clássica com que a conhecemos*. Aponta De la Porte como um dos primeiros autores a estabelecer uma **seriação racional** de contas e fazer (1956: 131) **distinção entre a empresa e o proprietário**, formulando o princípio da **personificação moral da empresa**. Vlaemminck é muito claro ao esclarecer que as contas de *“Devedores diversos”* respeitam aos correspondentes com quem se fazem negócios esporádicos”. Na tradução para castelhano, por González, em 1961, mantém-se a exposição em francês sem alterações pelo tradutor.

Boter Mauri, em **1959** (pág. 71) identifica mal o livro impresso em 1685 e interpreta mal o uso das contas **Devedores Diversos** e **Credores Diversos**. Observa (1959: 71) que todas as contas pessoais, na Razão, são reduzidas às contas Devedores Diversos, e Credores Diversos, o que só pode resultar de equívoco e também não ter considerado o exemplo da monografia incluída no livro (na edição 1704 de pág. 273 a 327). Escreve (1959: 72) que De La Porte *“afirma de modo explícito que **devem personalizar-se as contas de objectos e as contas que representa conceitos abstractos**”*. A análise que fiz não me possibilitou encontrar fundamento para esta observação.

Stevelinck, em 1970, sugere a **influência de De Graaf** na classificação de contas, e de **Van Neulighen** nas **regras de contabilização** prescritas por De La Porte. Entretanto escreve (pág. 130) que as obras de Matthieu de La Porte tiveram enorme repercussão e secunda Vlaemminck quando anota que *“foi um europeu antes de haver europeus”*. Coloca De la Porte entre os autores que influenciaram os livros dos Giraudeau. Embora tenha levantado o problema de compatibilizar a errada identificação de 1673 como de uma 1.^a edição por De la Porte, ainda regista a **conjectura de haver dois autores**, só mais tarde foi afastada.

Ten Have, em 1972, (1976: 69) posiciona Mathieu de la Porte **entre os autores dos Países Baixos**, e destaca o enunciado que adopta para as **regras para debitar e creditar**. Foca, em especial, o **critério de “controlo” em vez de “propriedade”**, usado na exposição feita por Stevin. Anota que, em 1630 ou 1631, já Van Neulighem tinha usado a expressão *“tudo o que uma pessoa recebe para seu controlo”* mas não se sabe se teve influência em De la Porte. Compara o enunciado das regras de debitar e creditar prescritas por Matthieu De la Porte com o enunciado de Abraham de Graaf, em 1688:

Abraham de Graaf	Matthieu De La Porte
<i>Quem recebe é debitado, quem paga é creditado.</i>	<i>Tudo o que entra em meu poder ou no meu controlo é devedor ou deve.</i>
<i>O que é recebido é debitado, o que é pago é creditado.</i>	<i>Tudo o que sai do meu poder ou meu controlo é credor.</i>

A conjectura sobre a influência de De Graaf em De La Porte é comum a vários autores, embora só baseada no cotejo das soluções que propõem e na ligação de De La Porte com a Holanda.

Yamey, em 1975, Na actualização da *“Historical Accounting Literature”*, refere De La Porte a propósito da distinção entre livros principais ou necessários, e **livros particulares ou auxiliares**, e destaca a sua **qualidade de professor**. A **biblioteca do ICAW** tem exemplares de livros de De La Porte em **Alemão, Português, Italiano e Francês**, nesta língua tem várias edições de qualquer dos livros, incluindo o *Guia dos Negociantes*, 1685, e *Ciência dos Negociantes*, 1704.

Lemarchand em 1998 (pág. 532), destaca a justificação apresentada por De la Porte na edição do *“Guia”* (De la Porte, 1685, prefácio, tradução livre), *“não tinha a intenção de publicar este tratado, mas sim ensinar os que me honram assistindo às minhas aulas, mas o pedido de muitos incluindo vários dos meus amigos decidiram-me a facultar esta ciência a todos. Além disso considerei que é para bem e utilidade pública, e possibilitou a muitos que estudam esta arte aperfeiçoarem-se em pouco tempo”*. Este exemplo de **justificação** é típica dos autores da época. Mais adiante (Lemarchand, 1998: 551) observa *“os escritos de Mathieu De La Porte distinguem-se nitidamente dos anteriores autores que o procederam pela clareza e sobriedade de expressão, cada problema é sentido em problemas elementares”, “cada capítulo está construído como uma árvore, do geral para o particular”, “a classificação de contas –quer seja da sua paternidade ou não– inscreve-se nesta linha”*.

Note-se que Lemarchand (2005: 32) também regista a possibilidade da **classificação de contas** de De la Porte ser inspirada pela do holandês Abraham De Graaf (livro de 1688) ao classificar as contas em 3 classes: proprietário, de terceiros, e de Mercadorias.

Degos, em **1998**, surpreende (pág. 81 a 83) ao não considerar o trabalho de Pierre-Louis Menon, e referir De La Porte acentuando o desconhecimento da sua biografia, e retomando a apreciação por Deschamps em 1900, que foi citada por Reymondin, Zurdo e Vlaemminck. Atribui-lhe a apresentação actual do balanço com **activo à esquerda e passivo à direita**, e o **princípio da distinção entre património do comerciante e da empresa**, também designado princípio ou **teoria da entidade**.

Gonzalez Ferrando, em **2004**, na apresentação da reedição da tradução da história de **Kheil**, ocupa-se em especial das referências históricas feitas por autores espanhóis, incluindo as citações a Mathieu de la Porte. Embora não sendo esse o seu objectivo, documenta a influência deste autor em Espanha.

Também os autores portugueses com autoridade, que nos deixaram textos sobre história da contabilidade, reconhecem, nos seus livros, a marca deixada por De La Porte. Merece registo a sequência que a seguir anoto.

Lopes Amorim em **1929** destaca (pág. 60) De la Porte (que escreve De Laporte) entre os tratadistas franceses. Curiosamente **indica mal o título do livro** "*Traité de la Science de Négociants e Teneurs de Livres*" de facto este título não corresponde nem ao Guia dos Negociantes nem à Ciência dos Negociantes. Destaca o contributo de De La Porte quanto à **classificação de contas** e à atribuição de **personalidade à empresa**.

Cruz Vidal em **1956** identifica correctamente o autor e os livros e esclarece a fonte, Fábio Besta, para atribuição de data à "*Ciência dos Negociantes*".

Gonçalves da Silva em **1959** (pág. 43), inclui De la Porte (escreve Delaporte) entre os mais conhecidos escritores até fins do século XVIII; mas não faz apreciação da sua obra, este autor não deixou marcas a destacar na história das "Doutrinas Contabilísticas".

Martim Noel Monteiro em **1965** anota (pág. 61) que Abraham De Graaf publicou em 1688 uma classificação de contas semelhante à De La Porte. Não indica data de edição do livro de De la Porte que considera, mas, a propósito da história do **sistema centralizador**, cita (pág. 63) a edição de 1712. Focando o sec. XVII, em França e referindo Colbert e Jacques Savary, conclui "*O mais importante autor francês desta época foi porém Matthieu De La Porte que em 1685 apresentou a obra "Le Guide des Négociants" de "La Porte"*.

Lopes Amorim, em **1969**, faz várias citações de De la Porte, quase todas relacionadas com a evolução das soluções "Paciolanas", mas indica diferentes referências de datas. A compilação das diferentes **citações** acentua a ideia que todas são **indirectas e não foram confirmadas**: preposição indicativa da conta devedora e indicação de contrapartida, **1673** respectivamente (1969: 161 e 170); lançamentos compostos ou complexos, **1704** (1969: 164); desdobramento do memorial e classificação de contas, **1712** respectivamente (1969: 149 e 215); regras para debitar e creditar, **1741** (1969: 190); fecho de contas **1769** (1969: 143).

Lopes de Sá em 1998 toma como referencia a edição da ciência de 1712, e enquadra De la Porte como contista, embora dentro do período que denomina pré científico. Destaca a **classificação** de contas com base em 3 classes: Proprietário, Coisas e Correspondentes. Lopes de Sá considera De la Porte como **precursor do conceito de “contas gerais”**, e um elo na sequência racionalista e positivista representada por Savary, De la Porte, Richard, Barrême e Giraudeau.

São diferentes os destaques feitos. Muitas das observações baseiam-se, conforme os autores explicitam ou sugerem, em documentação indirecta. Os autores focados em doutrinas ou teorias tendem a não considerar os apuros na técnica de escrituração em partidas dobradas.

Contributos referenciados

	Mera recensão	Organização e clareza, modelo de manual	Livros auxiliares	Devedores Diversos e Credores Diversos	Inventário, Balanço, fecho e reabertura de contas	Activo à esquerda	Regras para debitar e creditar	Classificação e seriação de contas	Personificação de contas e/ou entidade	
X										Brown (1905)
		X								Reymondin (1909)
		X	X					X		Besta (1909)
				X		X	X			Zurdo (1933)
										Littleton (1933)
			X				X			Melis (1950)
			X		X	X	X			Vlaemminck (1961/1956)
X									X	Boter Mauri (1959)
						X	X			Stevelinck (1970)
						X		X		Ten Have (1978/1972)
	X	X								Yamey (1975)
	X						X			Lemarchand (1988)
				X						Degos (1998)
X										Gonzalez Ferrando (2004)
							X	X		Lopes Amorim (1929)
X										Cruz Vidal (1956)
X										Gonçalves da Silva (1959)
		X	X					X		Noel Monteiro (1966)
		X			X	X	X			Lopes Amorim (1969)
							X			Lopes de Sá (1998)

Procurando uma visão global sintetizei as observações no quadro “Contributos referenciados”, mas, tudo considerado, optei por analisar o livro considerando em especial os seguintes temas:

A “Ciência (1704)” e o “Guia (1685)” dos Negociantes
Formato e organização
Debitar, creditar e fórmulas de lançamento
Classificação e seriação de contas
Balanço, fecho e reabertura de contas
Livros principais e auxiliares, e descrição de vários livros auxiliares
Distinção entre património do proprietário e da entidade

São os resultados da minha análise que registo nos apontamentos seguintes, com base na exposição tal como feita por De La Porte em 1704, no livro: *“LA SCIENCE DES NEGOCIANS ET TENEURS DE LIVRES, ou Instruction GENERALE pour ce qui se pratique dans les Comptoirs des Negocians, tant pour les affaires de Banque, que pour les Marchandises; & chez les Financiers pour les Comptes”*, que, em português, designarei por “Ciência dos Negociante”.

3. O livro “Ciência de Negociantes”

3.1. A “Ciência (1704)” e o “Guia (1685)” dos Negociantes

Está documentada a **oferta simultânea no mercado, em vida do autor, do “GUIA dos Negociantes”** que foi o livro traduzido para português, e do livro de referência, a **“CIÊNCIA dos Negociantes”**. Este teve uma primeira edição¹⁰ em 1704, depois são referidas edições em 1712, 1714, 1715, 1732, 1741, 1748, 1753, 1754, 1759, 1762, 1764, 1781, 1782, 1783, 1785, 1787, 1792, 1797, 1798 e 1799. São muitas vezes referidas separadamente as edições de Migneret (1798/99) e as de Boucher (1800 e 1803). Há várias edições em alemão (1762, 1764, 1769, 1770).

O primeiro livro, o *Guia dos Negociantes*, depois da primeira edição em francês em 1685, foi reeditado em 1692, 1699, 1716, 1743 e 1760; e foi também editado em italiano em 1786, e em português em 1794.

Em francês coexistiram, até 1760, edições dos dois livros.

A relação entre os dois livros, o “GUIA” e a “CIÊNCIA” prestou-se a ser interpretada em termos diferentes: um livro que evolui, ou dois? A atribuição errada da data da primeira edição justificou os problemas: um só livro que evolui ou dois livros? Um mesmo autor, ou dois, pai e filho?

A conjectura da evolução do “GUIA” para a “CIÊNCIA”¹¹ pode apoiar-se no seguinte texto:

¹⁰ As edições são confirmadas pela existência na BNF, na biblioteca do ICAEW, ou por referência de Lemarchand ou de outros autores acreditados.

¹¹ Tradução de H. Carqueja a partir da página XIII da edição em 1769 da “La Science ..”. Os exemplos desta edição têm datas de 1712, portanto posteriores aos da primeira edição em 1704. O autor faleceu cerca de 1732, facto que confere especial interesse ao cotejo das edições até esta data, mas do qual, se foi feito, não tenho conhecimento. **A análise para efeito do presente comentário foi limitada à edição de 1704.**

“...; actualizo os Preliminares dum pequeno livro que publiquei, sob o título de Guia dos Negociantes, no qual expus esses princípios”.

Mas esta asserção do autor deve ser interpretada no contexto em que aparece: pretende evidenciar que **o ensino não deve assentar na cópia de exemplos mas sim no enunciado de regras claras e precisas**, como as já expostas no “GUIA”, pelo que retoma em a “CIÊNCIA” o método e exposição anterior, embora actualizando o texto. Corroborando esta interpretação, a propósito de justificar a organização do livro, note-se outro parágrafo do mesmo prefácio (1769: XIII):

“... é praticamente impossível recordar uma multiplicidade de lançamentos de diferentes negociações que constam dos livros de contas, tanto mais que o ensino se reduz a copiar”.

Enquanto o autor no primeiro livro visou expor noções básicas, no segundo foi tão profundo quanto sabia, e de facto **produziu uma obra que foi paradigma durante mais de um século** e é a base para apreciar o seu contributo na construção do saber contabilístico.

O segundo livro, de 1704, é a referência para apreciar o progresso conseguido na abertura do século XVIII e caracterizar o autor, e foi apresentado com a capa que é reproduzida em gravura.

Destaca-se pelo **formato oblongo**, também designado por italiano, livro mais largo do que alto. A **edição de 1704 tem cerca de 600 páginas, e a de 1782 cerca de 738, há portanto diferenças entre as edições**. As datas dos exemplos são alteradas da edição de 1704 para a de 1712. Migneret (1799: V) observa que, à data em que ele escreve, a última edição de De la Porte tinha sido a de 1792, e que os câmbios considerados para França estavam errados depois de 1726. Embora então decretada a quebra da moeda francesa, as posteriores edições mantiveram a indicação de câmbios. Além de diferentes datas dos exemplos, adições de texto que foram sendo feitas, há pequenas diferenças no texto entre edições, por exemplo umas fazem referência, logo no prefácio, a Luca Pacioli e outras não. Todas as observações neste apontamento respeitam à edição de 1704.

Como já anotei supra, verificou-se **oferta simultânea dos dois livros, ainda em vida do autor**, são livros diferentes e com alcance diferente. **De la Porte** assume importância especial com o livro “LA SCIENCE DES NEGOCIANS ET TENEURS DE LIVRES”, **divulgando** soluções que, mesmo quando antes formuladas, soube expor **com maior rigor e clareza**.

3.2. Formato e organização

Na primeira edição do Guia (1685: prefácio), De la Porte justifica o formato declarando pretender que o livro fosse adequado a “*Porter sur soy*”, ou seja a trazer no bolso ou bolsa.

O formato do **livro de referência** do autor, a “*Ciência do Negociante (1704)*”, também é especial: **mais largo que alto**, ou formato oblongo. Logo na **primeira edição** é um livro de certo volume, tem **cerca de 510 páginas**, incluindo o índice. Manteve o formato nas

numerosas edições, mais de dúzia e meia ao longo do século XVIII, embora tenha aumentado o número de páginas pelo aditamento de novos textos e de alterações. **A edição de 1582 tem 758 páginas**, portanto mais cerca de 50% do que a primeira. Esta edição inclui o “Regulamento sobre o Comércio de Negociantes e Mercadores de 1673”, também designado “Código Savary” ou também “Ordenações de Colbert”. Este diploma continuava em vigor mais de um século depois!

Mas o lugar de destaque na história da contabilidade para a “Ciência do Negociante” não está relacionado com o formato ou número de páginas, mas sim com a **organização e conteúdo**. Como já referi, Vlaemminck escrevia em 1956 que o manual “*não de apresenta como excessivamente arcaico quando comparado com muita da produção moderna*”.

Organização do "Science des Negocians"

		I	VII	
Tratados	Partes	I Partidas Simples	5	50
		II Partidas Dobradas	51	
		1. ^a Livros	53	138
		2. ^a Contas	139	178
	3. ^a Organização do trabalho	179	223	
	4. ^a Diário e Razão (monografia)		329	
	Secções	III Trabalho de escritório	224	329
		1. ^a Cartas	330	
		2. ^a Letras de câmbio	331	337
		3. ^a Moedas e medidas	338	370
		4. ^a Documentação e Pagamentos e Recebimentos	371	392
		5. ^a Equivalência de medidas estrangeiras	393	419
		6. ^a Significado de termos usados no comércio	420	449
		7. ^a Resumo por perguntas e respostas	450	466
	8. ^a Caligrafia	467	492	
		493	494	

A arrumação de assuntos no segundo tratado, sobre partidas dobradas, é bem diferente de uma monografia complementada por listas de operações com remissão para os livros da monografia e foi replicada por muitos autores posteriores. A Ciência dos Negociantes legitimou um modelo: primeiro estudo dos livros, depois estudo das contas, a concluir uma monografia.

O estudo dos livros chegou como tema com especial dignidade à primeira metade do século XX; Ricardo de Sá publicou (1908/1909) na revista "O Guarda-Livros", editada pela Escola Raul Dória, uma série de artigos sobre os livros de escrituração, sob o título "Libergraphia".

Merece uma especial referência o desenvolvimento por perguntas e respostas de uma recapitulação sobre o preenchimento do diário na **secção VII do terceiro tratado**. Esta exposição corresponde na primeira edição, 1704, a páginas de 467 a 492. Foi significativamente plagiada pelo autor anónimo do "Tratado sobre as Partidas Dobradas", impresso em 1764, sessenta anos depois, em português, mas em Turim, como adiante terei ocasião de documentar.

Ainda sobre a organização anote-se, como uma curiosidade actual, a secção dedicada à **caligrafia adequada aos negócios**.

A organização exemplifica um modelo coerente. Entretanto o estudioso actual aprecia certamente mais o encadeamento e clareza da exposição que ela enquadra.

3.3. Debitar, creditar e fórmulas de lançamento

O problema de interpretar os registos nas contas e determinar a conta, ou contas, a debitar, ou a creditar, mereceu aos tratadistas pioneiros particular atenção, e, mais tarde, deu azo a diferentes teorias ou doutrinas.

De la Porte, em 1704, ainda não procura fundamentos, não elege doutrinas, mas já enuncia regras, e esquematiza cada modelo. Não é sua preocupação justificar procedimentos, mas tão simplesmente ensinar a fazer. Enuncia "regras" para resolver dificuldades de execução.

Por entender que tem significado o contexto da exposição de De la Porte (1704: 60 e 61), transcreve-se em tradução literal, tanto quanto razoável:

*"Como cada artigo que se pretenda registar no Diário deve indicar um **devedor**, que deve ser **debitado**, ou **carregado**, e um **credor** que deve se **creditado** ou **descarregado**: observar-se-á o seguinte para os determinar:*

Para encontrar o devedor.

"Tudo o que entra em meu poder, ou fica sujeito à minha direcção, é devedor ou deve.

Tudo o que sai do meu poder, ou sai da minha direcção, é credor.

Aquele a quem, ou por conta de quem se paga, ou envia, ou fornece, ou se envia, é devedor.

Aquele de quem, ou por conta de quem se recebe, que nos envia, nos fornece, ou remete, é credor".

A entrada e saída de valores¹² origina quatro classes de lançamentos.

1. Quando entra e sai qualquer coisa; como quando se compram mercadorias que se pagam a contado: porque então entram mercadorias e sai dinheiro. Assim, neste caso, o que entra deve, e o que sai é credor.

2. Quando entra alguma coisa e não sai nada; como quando se compram mercadorias a prazo, ou se recebem pagamentos de correspondentes. Então o que entra deve e quem fornece o que entra, é credor.

3. Quando não entra nada e sai qualquer coisa; como quando se vendem mercadorias a prazo ou se fazem pagamentos, neste caso o que sai é credor, e aquele que recebe o que sai é devedor.

4. Quando nada entra e nada sai; como quando um correspondente saca por minha conta sobre outro, ou lhe faz entregas, então quem recebe por mim é devedor e o que entrega é credor”.

Na síntese que Mathieu de la Porte faz, na secção VII do Tratado III, que tem como objecto explicar a maneira de fazer os lançamentos por perguntas e respostas, resume (1704: 468) estes “princípios”: “Tudo o que entra é devedor, tudo o que sai é credor”.

A **não existência de entradas e saídas “em ser”**, terminologia da época, por exemplo a entrada numa venda a crédito, **implicava** dificuldades e **esclarecimentos adicionais**¹³ porque o débito do cliente, não podia ser justificado pela observação dum fluxo real (em “ser”) em correspondência com a saída das mercadorias que originava o crédito. A mesma atitude pragmática é evidenciada ao explicar os lançamentos nas contas de Razão. Esclarece o detalhe dos lançamentos separadamente para as contas:

- Caixa, Despesas, Provisões, Lucros e Perdas e Mercadorias Gerais,
- Mercadorias Gerais,
- Pessoas (terceiros),
- Pessoas de países estrangeiros, de minha conta.

Esta diferenciação **corresponde** tão somente ao propósito de indicar correctamente movimentos especiais, por exemplo movimentos de mercadorias ou movimentos em moeda estrangeira, ou a esta convertida para efeito de contabilização.

Mathieu de la Porte não sugere que se considere cada conta encabeçada por uma pessoa, pelo contrário distingue entre as contas de pessoas, os correspondentes, das outras.

¹² Em francês o termo é “effets” hoje normalmente traduzido por “efeitos” ou por “letras de câmbio”; o significado actual não é o do texto. Considerou-se melhor alternativa usar o termo “valores”.

¹³ No “*Tratado sobre as Partidas Dobradas*”, 1764, de autor anónimo, há páginas dedicadas a esta explicação. Quando a venda implicava letra de câmbio havia uma entrada “em ser”, a dificuldade respeitava às vendas a crédito não tituladas.

Embora procurando partir do geral para o particular, a **exposição de De la Porte continua casuística e focada no problema de processar cada lançamento**, e não de o explicar.

A prática descrita por De la Porte está ainda muito próxima da descrita por Pacioli, sem prejuízo de reconhecer que é já significativa a diferença quanto à abordagem do problema, então central, da escrituração por partidas dobradas: saber quando e como se debita ou credita. Pacioli (1494/1994: 202, tradução a partir do castelhano)¹⁴ recorreu a um expediente pedagógico para um caso especial:

“Imagina a este respeito que o negócio é como uma pessoa que te deve tudo o que, de um modo ou de outro, lhe entregas ou pagas por sua conta. Pelo contrário terás que creditá-lo por tudo o que saques ou dele recebas como se fosse um devedor que te paga uma dívida”.

Merece apontamento o contexto em que esta sugestão aparece. Complementa a exposição anterior. Para **Pacioli este enunciado vem depois da descrição de vários casos de lançamento em cada um dos livros**, quando pretende esclarecer a hipótese de um estabelecimento administrado pelo próprio ou por terceiro. **Mathieu de la Porte enuncia as regras antes de apresentar exemplos.**

Outra diferença muito importante entre o texto de Pacioli e o de De la Porte respeita ao uso de lançamentos compostos. Pacioli, embora conheça o uso de lançamentos compostos, no seu texto só usa lançamentos simples. De la Porte esquematiza os lançamentos nos termos que chegaram até nós, usando lançamentos simples e compostos. Esclarece a redacção dos lançamentos no diário (com traçado tipo diário clássico) com base nas quatro fórmulas que continuaram invocadas durante séculos:

- UMA conta @ UMA conta,
- UMA conta @ DIVERSAS contas,
- DIVERSAS contas @ UMA conta,
- DIVERSAS contas @ DIVERSAS contas.

A boa esquematização e clareza da sua exposição estão patentes nas imagens a que a língua não retida a evidente boa esquematização (De la Porte, 1704: 72 e 73):

¹⁴ Hernández Esteve, Esteban, 1994, “De las cuentas y las escrituras”; AECA, Madrid. O livro compreende tradução para castelhano do Tratado de Pacioli, a transcrição corresponde a tradução a partir do castelhano. Anote-se que a versão apresentada por Lopes Amorim (1969: 181) tem conteúdo muito próximo em significado, embora com algumas diferenças de redacção.

DES DIFFERENTES FORMULES
des Articles du Journal.

Il y a 4. sortes de formules d'Articles, par rapport aux Debiteurs & Creanciers.

1. Il y en a où il n'y a qu'un Debitteur & qu'un Creancier.
2. D'autres où il n'y a qu'un seul Debitteur & plusieurs Creanciers.
3. D'autres où il y a plusieurs Debiteurs & un seul Creancier.
4. D'autres où il y a plusieurs Debiteurs & plusieurs Creanciers.

EXEMPLE. De la premiere sorte où il n'y a qu'un Debitteur & qu'un Creancier.

Pierre doit, à Caisse, 400 :- : pour sa Traite du 10. courant à vûë à Denis.	4000	-	-
--	------	---	---

EXEMPLE. De la seconde sorte où il n'y a qu'un Debitteur & plusieurs Creanciers.

Caisse doit, à divers, 4000. à sçavoir :			
À Pierre, reçu à compte de Poivre.	1000	-	-
À Luc, pour sa Remise en Lettre de Paul du 10. Mars à usô sur Jean	3000	-	-
	4000	-	-

EXEMPLE

EXEMPLE. De la troisieme sorte où il y a plusieurs Debiteurs & un seul Creancier.

Divers doivent, à Jean Duval, 1400 :- : reçu pour Saffran, à sçavoir :			
Changes, son b llet de ce jour à 2. mois.	1000	-	-
Caisse, comptant pour solde.	400	-	-
	1400	-	-

EXEMPLE. De la 4. sorte où il y a plusieurs Debiteurs & plusieurs Creanciers.

Divers doivent, à divers, 6500 :- : acheté de Lollis, & payé, comme cy-bas, à sçavoir :			
DEBITEURS.			
Vins, pour 20. Muids à 100.	2000	-	-
Cochinille, pour 150. lb. à 30.	4500	-	-
	6500	-	-
CREANCIERS.			
À André, pour mon Assignation sur ledit.	1500	-	-
À Changes, pour Billet de Blondel du 15. Mars à 3. mois.	3000	-	-
À Caisse, comptant pour solde.	2000	-	-
	6500	-	-

K

Quando há mais do que uma conta a movimentar, seja no débito ou no crédito ou em ambos, consta "diversos" ("Divers" em francês) e estes aparecem discriminados, sejam devedores ou credores. Recordar-se que até princípios do século XIX o Razoão continuou como livro analítico, não havia contas compostas ou colectivas, no sentido de conta que reúne várias contas elementares ou um conjunto de subcontas, todas as contas eram elementares. O número de contas era elevado, mesmo num pequeno negócio, o que dava especial importância ao Alfabeto ou Reportório, ou Índice na linguagem actual, como meio de localizar uma certa conta.

3.4. Classificação e seriação de contas

Embora possa ter colhido inspiração em autores anteriores, designadamente em Abraham de Graaf, De la Porte expõe a **classificação e seriação de contas na "CIÊNCIA" evidenciando um enorme avanço** relativamente aos entendimentos divulgados na época. De la Porte (1769: 180) **afirma-se como pioneiro**, o que é bem evidenciado no texto seguinte (realce acrescentado): "*Observe-se que até ao presente ninguém fixou o número de classes de contas, e explicou o uso, assim esta parte é inteiramente nova, e também curiosa e particularmente útil*". Tanto Lemarchand como Stevelinck consideram que a classificação pode ter sido inspirada pelo holandês De Graaf, mas, qualquer que seja o caso, De la Porte deve ser acreditado pela sua divulgação. Em anexo reproduz-se em fac-símile o original. A leitura em português, inspirada em Lemarchand, consta do esquema "Quadro com a classificação de contas de Mathieu de la Porte (1704)".

Quadro com a classificação de contas de Mathieu de la Porte (1704)

As CONTAS dividem-se em três classes							
<p><u>A primeira compreende as contas do Patrão, os seus títulos não representam nem coisas nem pessoas, são</u></p>	<ul style="list-style-type: none"> - Capital - Lucros e Perdas - Despesas - Provisões - Seguros 						
<p><u>A segunda compreende as coisas em ser, que são de quatro espécies</u></p>	<table border="0" style="width: 100%;"> <tr> <td style="width: 30%; vertical-align: top;"> <p>1. Dinheiro em caixa 2. Mercadorias que se dividem em</p> </td> <td style="vertical-align: top;"> <ul style="list-style-type: none"> - Mercadorias em nossa posse e de nossa conta - Mercadorias na posse de um outro de nossa conta - Mercadorias em nossa posse de conta alheia - Mercadorias em sociedade com terceiro </td> </tr> <tr> <td style="vertical-align: top;"> <p>3. Coisas em papel e que são</p> </td> <td style="vertical-align: top;"> <ul style="list-style-type: none"> - Letras e bilhetes de câmbio, livranças, obrigações, etc. a receber - Contratos de arrendamento - Argent donné à la grosse - Bilhetes a pagar - Letras e envios </td> </tr> <tr> <td style="vertical-align: top;"> <p>4. Coisas específicas como</p> </td> <td style="vertical-align: top;"> <ul style="list-style-type: none"> - Navios - Casa e terras - Móveis - Interesses em sociedades - Feiras ou pagamentos </td> </tr> </table>	<p>1. Dinheiro em caixa 2. Mercadorias que se dividem em</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Mercadorias em nossa posse e de nossa conta - Mercadorias na posse de um outro de nossa conta - Mercadorias em nossa posse de conta alheia - Mercadorias em sociedade com terceiro 	<p>3. Coisas em papel e que são</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Letras e bilhetes de câmbio, livranças, obrigações, etc. a receber - Contratos de arrendamento - Argent donné à la grosse - Bilhetes a pagar - Letras e envios 	<p>4. Coisas específicas como</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Navios - Casa e terras - Móveis - Interesses em sociedades - Feiras ou pagamentos
<p>1. Dinheiro em caixa 2. Mercadorias que se dividem em</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Mercadorias em nossa posse e de nossa conta - Mercadorias na posse de um outro de nossa conta - Mercadorias em nossa posse de conta alheia - Mercadorias em sociedade com terceiro 						
<p>3. Coisas em papel e que são</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Letras e bilhetes de câmbio, livranças, obrigações, etc. a receber - Contratos de arrendamento - Argent donné à la grosse - Bilhetes a pagar - Letras e envios 						
<p>4. Coisas específicas como</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Navios - Casa e terras - Móveis - Interesses em sociedades - Feiras ou pagamentos 						
<p><u>A terceira compreende os correspondentes ou pessoas com quem se negocia, a que se dão diversas designações conforme os negócios; podemos classificá-los em</u></p>	<ul style="list-style-type: none"> - Uma só contas para os negócios de qualquer dos lados - Uma conta corrente, para negócios particulares de quem representam - Uma conta corrente para os nossos negócios em particular - Uma conta para negócios em sociedade - Uma conta para diversos devedores - Uma conta para diversos credores 						

Fonte: Tradução para português a partir da leitura feita por Lemarchand, 1998: 553, quadro de Mathieu de la Porte (1704) leitura de "*La science des négocians*"... op. cit., p. 182).

A classificação de contas adoptada por De la Porte deve ser cotejada com outra classificação muito divulgada no século XVIII, e que no século XIX evoluiu e foi a base para o rótulo “Teoria das cinco contas gerais”, relacionada com Degrange. As contas eram classificadas em duas classes:

- **particulares**, contas representando relações com terceiros,
- e **contas gerais**, as que não eram particulares, e as mesmas designações poderiam ser usadas por todos os mercadores e negociantes (gerais).

Como exemplo do racional suportando esta outra classificação considere-se a exposição no “Tratado sobre Partidas Dobradas”, (1764: 3) (realce acrescentado):

*“Abrem-se no razão duas qualidades de contas, a saber, **gerais** e **particulares**. As contas gerais são as que figuram o próprio comerciante a quem pertencem os livros. As contas gerais abertas no livro razão são as minhas próprias contas: quando uma destas contas gerais é devedora, eu é que sou o devedor, e quando uma destas mesmas contas é credora, eu é que sou o credor. Em lugar de várias contas gerais **poderia abrir uma só conta, e lançar nela todos os particulares do meu negócio**, mas desta forma tudo se confundiria, as fazendas alheias com as próprias, o dinheiro com as dívidas e sendo o livro razão aquele que se deve achar tudo com muita clareza, e distinção, em lugar disto teria uma verdadeira confusão, a qual se deve evitar quanto for possível abrindo várias contas gerais para separar os diferentes particulares, e dar a cada um a sua conta.*

As contas gerais entendem-se pelas seguintes ou outras da mesma natureza.

As contas particulares são as contas que eu abro a qualquer sujeito com quem negoceie, como por exemplo....”.

Ao apreciar as soluções relativas à classificação de contas assume muita importância o cuidado em fazer a **tradução terminológica para significados actuais**, pois alguns termos têm hoje significado que não correspondem ao que lhes era atribuído quando usados pelos autores. É o caso de “contas gerais”.

A mesma distinção entre contas relativas a terceiros e outras contas aparece referida com base nas seguintes classes:

- contas de pessoas, ou de terceiros;
- contas nominais, as que existem só em nome, porque não lhes corresponde uma pessoa.

Qualquer destas designações ou é esclarecida quando hoje é mencionada, ou existe sério risco de equívoco. Por exemplo as contas nominais podem acabar entendidas como correspondendo a nomes de pessoas, e portanto com significado oposto ao que lhe era atribuído.

Além de se basear em terminologia mais conforme os entendimentos actuais, a classificação apresentada por De la Porte é suportada por uma análise que continua a fazer sentido, especialmente quando considerada a partir das contas de terceiros:

- os terceiros com quem se negocea;
- as coisas envolvidas no negócio;
- as contas que não representam coisas envolvidas no negócio mas respeitam ao negócio.

São vários os autores que apontam a possibilidade de esta classificação ser inspirada pelo holandês De Graaf, autor que a inclui (ver Ten Have, 1976: 69) em livro cuja segunda edição está datada de 1688 mas registou pelo menos oito, sendo a última de 1806. Mas De la Porte apresenta-a expressamente como inovação sua, e sempre terá que ser creditado pela sua divulgação.

Novamente registo que o significado, nos séculos XVII, XVIII e XIX, da expressão “contas gerais” nada tem a ver com o que agora designamos “contas compostas” ou “contas colectivas” ou ainda “contas de razão geral” ou simplesmente “contas gerais”. É com o significado de “não particular” que a expressão, muito usada nos séculos XVIII e XIX, deve ser interpretada. Essa classificação era muitas vezes o apoio para a caracterização de partidas simples e de partidas dobradas, aquelas só movimentavam as contas particulares e estas abarcavam as gerais, as contas do negócio (ou contas do negociante, quando se identifica negócio com negociante¹⁵).

3.5. Balanço, fecho e reabertura de contas

O fecho de contas na exposição de Pacioli só era feito no Razão, não eram feitos lançamentos no Diário em correspondência, facto que não punha em causa a conferência de somas entre diário e razão porque não era totalizado o diário. Só era conferida a igualdade entre total dos saldos a débito e total dos saldos a crédito.

Os procedimentos expostos por De la Porte correspondem já a significativos avanços¹⁶: procede aos lançamentos no Diário, identifica os lançamentos que devem preceder o fecho, os de apuramento e rectificação, e usa as contas Balanço de Fecho e Balanço de Abertura respectivamente para o fecho e a reabertura. Eis como aparecem no livro “Ciência dos Negociantes” os lançamentos correspondentes ao balanço de fecho:

¹⁵ Hoje é particularmente importante distinguir o negócio do proprietário face à possibilidade de limitação de responsabilidade e à realidade de poderem existir valores disponíveis para o negócio que não correspondem a passivo nem pertencem ao proprietário.

¹⁶ Lopes Amorim (1969) é crítico em relação aos movimentos em diário para fecho e reabertura de contas.

316		Fº. 21.		1703.				
Mars...	5	PIERRE DAGUERRE d'Amsterdam S. C. doit.						
		A Caisse, pour 7 61 s. 6. 8. 3. d'or à 80. 3. remis sur Hugueian en plus grande somme				15	1846	-
		A Dépenses, pour Courtage & ports de Lettres.				2	17	6
						17	1849	17
								6
BALANCE de sortie du present Livre A, DOIT aux cy-aprés nommez, pour les Sommes suivantes, qu'ils restent Debitours par leur Comptes que je solde par ladite BALANCE, pour les debiter de nouveau au Livre B; à sçavoir.								
DEBITEURS.								
Porté au Livre B. Fº.	1	A T. le Gendre M. C.				10	60	-
	2	A Meubles, pour l'évaluation de mes Meubles				4	1550	-
	2	A Duvernay & Bondet L. C.				3	50	-
	2	A I. le Vassor d'Orleans.				12	20	-
	2	A Marchandises generales, pour celles qui restent en nature.				13	1032	-
	3	A François Reiffon de Lisbonne S. C.				20	11	3
	3	A Caisse, que j'ay comptant, conformément au Livre de Caisse Fº. 20.				15	6348	17
						17	6626	7
								6
NOTA que les Articles du Debit cy-dessus, doivent être portez au Credit de la Balance d'Entrée du Livre B.								

		Fº. 21.		1703.		317		
Mars...	5	AVOIR.						
		Par Vermillon à moitié avec Daguerre, pour net provenu de sa moitié en 3. Barils..				20	1849	17
								6
AVOIR par les cy-aprés nommez, pour les Sommes suivantes qu'ils restent Creanciers par leurs Comptes, que je solde par ladite BALANCE, pour les Crediter de nouveau au Livre B; à sçavoir.								
CREDITEURS.								
Porté au Livre B. Fº.	3	Par P. Daguerre M. C. fl 43. courant.				11	60	14
	3	Par P. Vaspooiten S. C.				12	10	-
	1	Par Capital, pour le montant de mon fonds				1	66136	3
						17	66205	17
								6
NOTA, que les Articles du Credit cy-dessus, doivent être portez au Debit de la Balance d'Entrée du Livre B.								
R r iij								

Anote-se que, por lapso de impressão ou defeito de fac-símile, faltam algarismos no total dos lançamentos encerrando as contas devedoras, deveria constar o total "66205-17-6", em vez de "662 5- 7-6".

As Ordenações de Colbert impunham um inventário de dois em dois anos e, embora nos livros de texto seja frequente encontrar a recomendação de proceder a inventário todos os anos, de facto era frequente nem o inventário nem o balanço colherem especial atenção. Quer a justificação para fazer a escrituração por partidas dobradas exposta pelo

autor no prefácio, quer a **prática**, continuavam a realçar a **importância de cada conta por si e deixam na sombra a informação resultante do conjunto**. Entretanto Mathieu de la Porte esclarece adequadamente a diferença entre “a Balança” [em linguagem actual um balancete] que corresponde à listagem de saldos, e “o Balanço”, que presume um inventário. O Balanço “dá a conhecer ao negociante todos os seus negócios”. Eis um exemplo de Balanço [sem correspondência com os exemplos supra em diário].

222

B O R D E R E A U ou B A L A N C E
du present Inventaire de l'an 1703.

D O I R	A V O I R.
Pour le montant des Marchandises.	Je dois portr plusieurs Billets.
Pour Lettres & Billets de Change.	A plusieurs pour folde de Compte.
Bonnes Dettes	Gages de Domestiques.
Doutreuses.	<u>Total des Dettes passives.</u>
Mauvaieses.	Laquelle Somme déduite du mon-
Argent comptant	tant de mes Effets cy contre, reste
Immeubles.	pour mon <i>Fonds</i> ou <i>Capital</i>
Meubles.	<u>80550 :- :-</u>
<u>Total de mes Effets.</u>	<u>88450 :- :-</u>
Mon Capital de ce jour, suivant l'Inventaire cy dessus, monte à	
Celuy de l'année 1702. suivant l'Inventaire de ladite année à	
Par tant, le profit qu'il a plu à Dieu me donner cette année est	
	<u>8000 :- :-</u>

FAIT & ARRESTÉ le present Inventaire, & par moy paraphé & signé à Paris. le 31. Decembre 1703.
PAUL.

Cet Inventaire ainsi signé & arrêté, doit s'enfermer, afin de l'ôter devant les Domestiques, qui quelquefois ne sont trop secrets.

REMARQUE. La plupart des Marchands qui ont de l'ordre, font ainsi leur Inventaire tous les ans. L'Ordonnance leur enjoint de le faire, du moins tous les 2. ans.

A ligação entre o inventário e o balanço, e as eventuais rectificações resultantes do inventário, mesmo quando referidas nos textos do século XVIII, não colhiam especial atenção, pelo que não surpreende o pouco realce que mereceram a De la Porte.

3.6. Livros principais e auxiliares, e descrição de vários livros auxiliares

Conforme já referido a propósito do “Formato e Organização” do livro editado em 1704, as partidas dobradas constam do tratado II, páginas 51 a 229. Este tratado está organizado por partes, e a Primeira Parte respeita aos “livros necessários”, páginas 53 a 139.

Anotar que nas duas primeiras décadas do século XX a exposição sobre livros continuava a ter muito realce, ajuda a enquadrar adequadamente esta parte. Por exemplo Ricardo de Sá, na revista da Escola Prática Comercial Raul Dória, dedicou ao tema uma série de artigos.

Mathieu de la Porte classifica o conjunto de livros em principais e auxiliares.

Os livros principais são o Memorial ou Borrão, o Diário, e o Livro Grande, também designado Extracto ou Livro de Razão, com o seu Alfabeto.

Os livros auxiliares incluem os livros: — de Caixa, — de Vencimentos, Meses ou Pagamentos, — dos Números, — das Facturas, — das Contas Correntes, — das Comissões, Ordens e Avisos, — das Letras e Remessas, — das Despesas, — das Cópias de Cartas, — dos Portes de Cartas, — dos Trabalhadores, dos Navios e outros.

Embora algumas das designações despertem curiosidade, dado que o passar do tempo lhes tirou correspondência com problemas e soluções actuais, a razão porque esta parte da exposição de Mathieu de la Porte tem particular interesse relaciona-se com o problema de interpretar a função dos livros auxiliares e posicioná-los no fluxo de informação. Estamos já perante um esboço do sistema de coordenação de registos que mais tarde foi rotulado de centralizador, ou estamos perante um mero desdobrar do Memorial?

Transcrevo, em tradução, extracto da exposição (De la Porte, 1704: 55) sobre o Memorial:

“Podemos utilizá-lo de duas maneiras.

- 1. Um só Memorial, contendo em geral todos os negócios.*
- 2. Memorial divididos em muitas partes.*

Há duas maneiras de escriturar o Memorial.

A primeira em estilo de memórias, anotando simplesmente os negócios ou artigos, por exemplo: comprada a Pedro, ou vendida a Luís certa coisa; pago ao João ou recebido de Lucas por certa coisa, e semelhantes, para depois escriturar formalmente o Diário.

A segunda em estilo de Diário, debitando e creditando quem deve ser, e observando os procedimentos que adiante vou expor para o Diário”.

Os livros auxiliares são depois apresentados como desdobramento do Memorial, e não do Diário, facto que responde à questão sobre a interpretação dos livros auxiliares como esboço do sistema centralizador. Os livros auxiliares, tal como apresentados, são tributários do diário e visam resolver problemas de controlo ou gestão. Esta solução, embora possa ter contribuído para o posterior desenvolvimento do sistema centralizador, não corresponde ainda a desdobramentos do diário.

Na exposição relativa ao preenchimento do Razão, particularmente esquematizada e precisa, não é feita qualquer observação que permita atribuir a qualquer dos livros auxiliares a função de diário.

Entretanto anote-se que a exposição sobre cada um dos livros auxiliares é um complemento precioso para interpretar procedimentos e problemas da época.

3.7. Distinção entre património do proprietário e da entidade

Na análise da exposição de Mathieu de la Porte não encontro fundamento para a atribuição de alguns posicionamento que lhe são atribuídos. Quer as regras para debitar e creditar quer a classificação de contas sobre a qual desenvolve a lista de contas afastam, em minha opinião, a personificação de contas. **Não recorre à personificação de contas nem como expediente pedagógico nem como interpretação das contas ou da sua**

movimentação. Também não distingue o património do proprietário do da entidade de forma a justificar atribuir-lhe contributo para a teoria da entidade.

Na formulação das regras para debitar e creditar é explícita a consideração distinta das contas de coisas, note-se a já transcrita síntese que Mathieu de la Porte faz, na secção VII do Tratado III, tendo como objecto explicar a maneira de fazer os lançamentos por perguntas e respostas, e resume (1704: 468) estes “*princípios*”: “*Tudo o que entra é devedor, tudo o que sai é credor*”. Não refere as pessoas envolvidas mas sim os fluxos de valores.

O problema da classificação de contas deve ser apreciado tendo em consideração o facto de Barrême, em 1721, ter esclarecido (1721: 237, tradução, realce acrescentado) que: “*As **contas gerais** são as minhas próprias contas; as **contas particulares** são as contas dos meus correspondentes. Entre as **minhas contas gerais** há as que são abertas para **coisas por natureza**, como Caixa, Bilhetes do Tesouro, Aguardente, e há **outras que me representam pessoalmente**, como Capital, Lucros e Perdas, e Despesas Domésticas*”. A classificação tripartida de De la Porte é assim reconciliada com a classificação em contas gerais e particulares, afastando a possibilidade de entender as contas “*que me representam pessoalmente*” como esboçando a teoria da entidade. Não existe a contraposição das contas do todo às contas das partes. A exposição de De la Porte continua a centrar no mercador ou negociante o entendimento das contas, adoptando implicitamente o ponto de vista do proprietário.

Poderia entender-se que uma das fontes de possível esclarecimento sobre o posicionamento conceptual dos autores da época reside nos esclarecimentos que dão sobre o inventário, incluindo, ou não, bens não afectos ao negócio. Acontece, entretanto, que **os objectivo controlo e prestação de contas, conta a conta, obscurecem a visão do conjunto**. A riqueza ou património líquido da entidade só aparece como objecto de cálculo através da conta Capital, quando do inventário. Nem o balanço nem a conta de resultados têm dignidade como representação equiparável à do Diário ou do Razão, mão são objectivo em destaque.

Também não encontro suporte para reconhecer acolhimento, ou qualquer contributo de De la Porte, para a teoria da entidade, entendida como separação da empresa ou unidade económica a que respeita a contabilidade como “entidade”, do seu proprietário. Note-se, por exemplo, o esclarecimento sobre a conta de “Despesas” (De la Porte, 1704: 142, destaques acrescentados): “*Descreve-se em detalhe a despesa que se faz, **tanto para o comércio como para a casa**, no livro de Despesas, que apresentei a páginas ?. No fim de cada mês calcula-se em quanto importa a despesa do mês e lança-se no Diário, Despesas a Caixa, pelo valor gasto em despesas*”.

Não se segregam as despesas de casa das do negócio, como aconteceria se em pano de fundo fosse aceite a teoria da entidade.

4. As perguntas e respostas do “Tratado sobre as Partidas Dobradas”

Como já evidenciei noutro local, as primeiras 16 páginas do “*Tratado sobre as Partidas Dobradas*”, editado em Turim em 1764, são em grande parte tradução quase literal do livro de “*M. Barrême*”, editado em 1721.

Da página 17 a 83 o “*Tratado sobre as Partidas Dobradas*” está organizado por perguntas e respostas, organização também adoptada de pág.s 467 a 492 na edição de 1704, por De la Porte na secção 7 do tratado III, da “*Science des Negocians*”. O cotejo dos dois textos não deixa dúvidas sobre a fonte do autor em português para as perguntas e respostas da sua exposição. Embora tenha simplificado e procedido a alguns ajustes, em grande parte fez tradução parágrafo a parágrafo.

No anexo II evidencio amostra do resultado do cotejo, procurando a correspondência de algumas páginas de tradução actual do texto francês com a leitura actual do correspondente texto no Tratado sobre as Partidas Dobradas. Permito-me, entretanto, também registar as observações seguintes.

A transposição da terminologia da época na tradução para português actual dificulta estabelecer a relação parágrafo a parágrafo, deixando em aberto a possibilidade de ter havido um texto intermédio servindo de veículo. Entretanto o uso de alguns termos em português sugere cópia directa. Serve de exemplo o termo “effects” traduzido por “efeitos” com o significado de “coisas” como tradução de “effects”. Acresce a grande divulgação do livro de De La Porte e a atitude do autor em português documentada ao utilizar também texto de Barrême.

Ao cotejar escrita em francês de 1704 com escrita em português de 1764, além dos problemas de tradução e interpretação do francês antigo, temos o problema das equivalências em português actual. Por exemplo, o termo fazendas em português antigo é equivalente a mercadorias em português actual. Esta diferença terminológica é introduzida pela tradução do francês antigo para português actual e não substituição terminológica do português antigo.

Na época, início do século XVIII, diferenças entre soluções hoje pouco notadas correspondiam a marcas de grupos de autores. Por exemplo, na “*Science des Negocians*” nos lançamentos compostos aparece a expressão “*divers*” para indicar várias contas a débito ou crédito. Em português o termo correspondente é “diversos” ou “diversas”. No *Tratado sobre as Partidas Dobradas*, por exemplo a páginas respectivamente 30 e 40 aparece o texto:

(pag 30) — As contas *abaixo* devem ao comprador,

(pág.40) — Caixa deve às contas *abaixo*.

Como explicar esta divergência num contexto de tradução quase parágrafo a parágrafo? O autor anónimo, tendo importado parte da sua exposição de Barrême, que utiliza a expressão “sous-nomez”, em francês da época, quando passa a importar de Mathieu de la Porte mantém a terminologia: contas *abaixo* indicadas.

Outras soluções, por exemplo as referências cruzadas entre diário e razão, não servem de base a cotejo, porque expressamente De la Porte admite várias práticas.

No cotejo de textos há um outro aspecto que merece apontamento, relacionado com as contas Devedores Diversos e Credores Diversos, estas são interpretadas de forma diferente por autores acreditados.

Seja-me permitido introduzir aqui um aspecto da minha experiência pessoal, que condiciona a minha interpretação do cotejo entre textos e ainda as referências feitas por tratadistas acreditados. Fazia parte do conjunto comercial de meus pais um “soto” de aldeia onde passei muitas horas na minha adolescência. Nesse “soto” existia um livro de “*Diversos ou Miúdos*” cuja utilização era muito característica: sempre que uma pessoa conhecida, mas sem conta aberta, comprava algo dizendo que viria pagar depois, situação frequente quando não há o hábito de não trazer dinheiro com a pessoa como acontecia na aldeia, era registada a venda nesse livro. Muitas vezes a conta era liquidada no mesmo dia, quando demorava mais do que alguns dias dava origem a diligências especiais ou a abertura de conta específica para o devedor. Relaciono a distinção entre vender “*a contado*” e vender “*como se fosse a contado*”, que eu substituo por venda “*à confiança*”, face a esta minha experiência.

Ao cotejar a exposição da página 469 de De la Porte com as páginas 18 e 19 do autor anónimo encontro o seguinte esclarecimento em De la Porte relativo às compras ou vendas à confiança: “*Se a gente confia que se vai receber dentro de dois ou três dias deve-se fazer o registo como se fosse a contado, e proceder como acima. Mas se espera pagar ou receber a prazo mais longo ou em prestações; abre-se uma conta ao vendedor ou ao comprador, e procede-se como abaixo se indica*”. O autor anónimo distingue entre compras e vendas a contado e “*como se fosse a contado*”, hipótese idêntica à que traduzi da “*Science*” como “*à confiança*”. Para o caso da compra esclarece: “*Se eu entender que se passará algum tempo antes de as poder pagar, devo creditar por elas o vendedor, dizendo no Diário, Fazendas Devem ao vendedor*”. Nenhum dos autores, na parte da exposição cotejada, refere o registo em conta de Devedores Diversos ou de Credores Diversos, embora a referência por De la Porte a estas contas tenha sido destacado por vários tratadistas. Entretanto a experiência pessoal justifica que eu relacione estas situações com as vendas e compras à “*confiança*” ou “*como se fossem a contado*” e com as contas de Devedores Diversos e Credores Diversos, se feito inventário enquanto há valores “*Diversos ou Miúdos*” pendentes.

A consideração da amostra no Anexo II possibilita ao leitor ajuizar sobre o trabalho de ajustamento feito pelo autor anónimo, que no segundo volume da segunda edição se identifica como *“Hum Natural de Lisboa”*.

5. Em fecho: legado de Mathieu de la Porte

Matthieu de la Porte (c 1660-c 1732) (referido por autores portugueses também por Delaporte, por De La Porte e La Porte) publicou em 1685 *“Le GUIDE des Négocians et Teneurs des Livres”* e depois, em 1704, publicou a sua obra prima *“La SCIENCE des Négocians et Teneurs de Livres”*. Embora nascido nos Países Baixos, **naturalizou-se como francês e viveu e trabalhou em França**, onde, aparentemente para poder exercer o ofício de guarda-livros, abjurou do protestantismo. Pertenceu à **Corporação dos Mestres de Caligrafia Jurados de Paris** e foi professor de escrituração por partidas dobradas. O primeiro dos livros, de 1685, teve edições em francês até 1760, foi editado em italiano em 1786 e foi editado em português, Lisboa, em 1794 (qualquer das traduções mais de cem anos após a edição em francês!). A tradução para português foi feita por um então aluno da Aula de Comércio de Lisboa, José Joaquim da Silva Perez.

A sua obra prima, *“LA SCIENCE DES NEGOCIANS ET TENEURS DE LIVRES”*, com a primeira edição em 1704, foi editada em francês até depois de 1800, duas em aproveitamento de terceiros, e registou várias edições em alemão, a última em 1799. Foi paradigma dos textos sobre partidas dobradas durante mais de um século, primando pela organização e síntese do saber adquirido, e clareza de exposição. Entretanto a sua principal achega para o saber contabilístico traduz-se na formulação de um critério para desenvolvimento da lista de contas que prescreve, partindo da classificação das contas como do proprietário, contas de coisas (depois designadas meios de acção) e contas de pessoas. Esta base de classificação sobreviveu até ao virar para o século XX, portanto cerca de dois séculos!

Bibliografia

Amorim, Jaime Lopes (1929). *Lições de contabilidade geral - Prelecções feitas ao curso de contabilidade geral durante o ano lectivo de 1928-1929*. Volume I. Porto: Empresa Industrial Gráfica do Porto, Lda. [O volume II, planeado para conter “todas as questões que prendem com a rigorosa determinação dos resultados e prestação de contas” não chegou a ser publicado nem existem referências conhecidas a manuscrito].

Amorim, Jaime Lopes (1969). *Digressão através do vetusto mundo da contabilidade*. Porto: Livraria AVIS.

- Bérard, V. e Lemarchand, Y. (1994). *Le miroir du marchand: Art et science des comptes à travers les ages*. Lyon: Imprimerie Silland.
- Besta, F. (1916). *La Ragioneria* (2ª ed.). Parte prima, Vol. III "Ragioneria generale". Milano: Casa Editrice Vallardi.
- Boter Mauri, F. (1959). *Las Doctrinas Contables*. Barcelona: Editorial Juventud, SA. [Consultado o exemplar da Biblioteca da FEP, CC 425, nr.3721].
- Cañizares y Zurdo, J.M. (1933). *Ensayo histórico sobre contabilidad*. Imprenta del Asilo de San Bartolomé. [Reedição 1996 pela AECA (Asociación Española de Contabilidad y Administración de Empresas), com estudo introdutório por Daniel Carrasco Díaz y Francisco González Gomila].
- Carqueja, H.O. (1968). "*Lições de teoria da contabilidade ao curso de 1968/1969*"; na Faculdade de Economia da Universidade do Porto; edição polycopiada da AAFEP.
- Carqueja, H.O. (1975-B). "A conta como solução contabilística". *Revista de Contabilidade e Comércio*, XLII (165), pp. 63 a 99.
- Carqueja, H.O. (1993). "A digrafia". *Revista de Contabilidade e Comércio*, L (197), pp. 171-176; (198), pp. 315-328; (199), pp. 453-478.
- Carqueja, H.O. (1998 e 1999). "O método fácil de Degrange, entre os livros de contabilidade portuguesa até 1900". Comunicação apresentada em I Jornada de História da Contabilidade-APOTEC e ISCAL; Coimbra em 4 de Abril de 1998. [Também in *JTcE- Jornal do Técnico de Contas e Empresa*; ns. 403 (págs. 109 a 113); 404 (págs. 145 a150); 405 (págs. 176 a179) e 406 (págs. 213 a 218)].
- Costa, Francisco Felisberto Dias da (1900). *Institut industriel et commercial de Lisbonne*. Compilação escrita em francês. Lisboa, sem identificação de editor. [O autor era capitão de mar e guerra e tinha sido Ministro das Colónias; aparentemente publicação do IICL para apresentação na exposição de Paris de 1900].
- Degos, J.G. (1998). *Histoire de la comptabilité*. Paris (France): Press Universitaire de France.
- De la Porte, M. (1685). *Le guide des negocians et teneurs de livres*. Paris (France): Chez Charles Osmont.
- De la Porte, M. (1704). *La science des negocians et teneurs de livres ou instruction generale*. Paris (France): Chez Charles Osmont.
- De la Porte, M. (1769). *La science des negocians et teneurs de livres*. Paris (France): Libraires Associés. [Consultado em fotocópia de exemplar da biblioteca do José Martins Lampreia; note-se o formato oblongo].
- De la Porte, M. (1795). *Guia de negociantes, e de guarda-livros, ou novo tratado sobre os livros de contas em partidas dobradas*. Traduzido por José Joaquim da Silva Perez de Milão. Lisboa: Regia Officina Typografica.
- Ferreira, Rogério Fernandes (1984). *Normalização contabilística*. Coimbra: Livraria Arnado, Lda.

- Forrester, D. (1999). *An invitation to accounting history*. Glasgow (UK): Strathclyde Convergencies. [Colectanea de estudos distribuído pelos temas A – Accounting in various Epochs; B – Managerial and control Accounting; C – Theories and Schools; D – Works as listed. Os artigos dentro de cada tema têm numeração romana, em 1999, e tem em 2000; disponível na <http://www.accfweb.account.strath.ac.uk>].
- Gomberg, L. (1936). *La doctrine de la comptabilité et les méthodes comptables*. Oeuvre posthume par "les Amis de Léon Gomberg". Paris.
- González Ferrando, J.M. (1961). Tradutor para castelhano de Vlaemminck, Joseph-H. *Historia e doctrinas de la contabilidad*. Madrid: Ed. E.J.E.S. [A tradução tem aditamentos e correções introduzidos feitos pelo tradutor].
- González Ferrando, J.M. (1996). "Panorama histórico de las fuentes de la Historia de la Contabilidad en España". In, *En torno a la elaboracion de una historia de la contabilidade en Espanha*. Madrid: AECA.
- González Ferrando, J.M. (2004). "Estudio introductorio". In, *Historia de la Contabilidad*, Karl Peter Keil (Ed.), Madrid: AECA.
- Hernández Esteve, E. (1994). *De las cuentas y las escrituras. Luca Pacioli*. Madrid: AECA (Asociación Española de Contabilidad y Administración de Empresas).
- Hernández Esteve, E. (1994). "Luca Pacioli treatise de Computis et Scripturis: a composite or a unified work?". *Accounting Business and Financial History*, 4 (1), pp. 67-82.
- Hernández Esteve, E. (1995). "A summa of arithmetica prior to that of Luca Pacioli: *The Suma de la arte de Arismetica* by Franchesch Sanct Climent (Barcelona, 1482)". Comunicação apresentada em 11 de Maio de 1995 na EAA.
- Institut Industriel et Commercial de Lisbonne* (1900). Escrito em francês; compilação por Francisco Felisberto Dias da Costa (capitão de Mar e Guerra e antigo Ministro das Colónias); Lisboa; sem identificação de editor; 168 pág.s e XIV gravuras. [O autor era capitão de mar e guerra e tinha sido Ministro das Colónias; aparentemente publicação do IICL para apresentação na exposição de Paris de 1900].
- Jouanique, P. (1996). *Un classique de la comptabilité au siècle des lumières - La science des négociants de Matthieu de la Porte*. Accounting in France. London: Garland Publishing.
- Keil, K.P. (2004). *Historia de la contabilidad*. AECA. [Versión al castellano por López y López, Fernando; e estudio introductorio de González Ferrando, José María].
- Léautey, E. e Guibault, A. (1889). *La science des comptes mise a la porté de tous*. Paris: Librairie Comptable et Administrative. (Biblioteca da FEP: C.C. 708 – n.º 4317).
- Lemarchand, Y. (1993). *Du dépérissement à l'amortissement*. Nantes: Ouest Éditions.
- Lemarchand, Y. (1998). "À la conquête de la science des comptes ; variations autour de quelques manuels français de tenue des livres". *Revista de Contabilidade e Comércio*, LV (219), pp. 509-558.
- Littleton, A.C. (1966/1933): *Accounting evolution to 1900*. USA: American Institute Publishing C.O.

- Littleton, A.C. (1961). *Essays on accounting*. Urbana: University of Illinois Press. [Biblioteca da FEP: C.C. 837- n.º 8140].
- Martin Lamouroux, F. (1989). *Contabilidade*. Salamanca: Universidade de Salamanca.
- Mauri, Fernando Boter (1959). *Las doctrinas contables*. Barcelona: Editorial Juventud. (Biblioteca da FEP: C.C. 425- n.º 3721).
- Martins, Rodrigo Manuel de Everard (1944/1997). "Ensaio de bibliografia portuguesa de contabilidade". *RCC*, 216, pp. 545 e seguintes.
- Melis, Federigo (1950). *Storia della ragioneria*. Bologna: Dott. Cesare Zuffi Ed.
- Monteiro, Martin Noel (1965). *A contabilidade e o seu mundo*. I Volume. Lisboa: Portugália Editora.
- Monteiro, Martin Noel (1965). *A contabilidade e o seu mundo*. II Volume; Lisboa: Portugália Editora.
- Monteiro, Martin Noel (s/d -1965). *Pequena história da contabilidade*. Lisboa: APOTEC.
- Pinto, Américo Cortes (1948). *Da famosa arte da imprimissão*. Lisboa: Editora ULISSEIA Lda.
- Reymondin, G. (1909). *Bibliographie méthodoque*. Paris: Société Académique de France.
- Revista de Contabilidade e Comércio*, Vol. LII (1995). n.º 205; colectânea "Luca Pacioli" com reedição do artigo de F. V. Gonçalves da Silva anteriormente publicado; da págs. 5 a 27 do n.º 61/62, "Luca Pacioli: o Homem e a Obra". Na mesma colectânea também foram publicados artigos sobre Luca Pacioli ou história da contabilidade de António Lopes de Sá, Esteban Hernández Esteve, Fernando Martin Lamouroux, José Fernandes de Sousa e de Enrique Fernández Peña.
- Rodrigues, Adriano Vasco (1969 B). *História da civilização* (7ª edição, 1973), vol. II. Porto: Porto Editora.
- Rodrigues, Adriano Vasco (1969 A). *História da civilização* (8ª edição, 1974), vol. I. Porto: Porto Editora.
- Rodrigues, Adriano Vasco (2000). "Breve notícia sobre a arte de imprimir em Portugal". *Revista de Contabilidade e Comércio*, LIV (1997, 215) pp. 511-512.
- Rodrigues, Manuel Benavente (1997). "Carta de Lei de 22 de dezembro de 1761". Comunicação no IX Congresso AECA; e também no vol. LVII (2000, 226), da *Revista de Contabilidade e Comércio*; pp. 361-414.
- Roover, Raymond de (1970). *La comptabilité à travers les âges*. Bibliothèque Royale Albert 1^{er}, Belgium.
- Roover, Raymond de (1955). "New perspectives on the history of accounting". *The Accounting Review*, 30 (3), pp. 405-420.
- Sá, António Lopes de (1998). *História geral e das doutrinas da contabilidade*, 2ª edição ampliada. Lisboa: Vislis Editores.
- Sá, Ricardo de (1908 e 1909). "Liberographia". *Revista o Guarda Livros, Escola Prática Comercial Raul Dória*, Porto, 1908 e 1909 (nº 2, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 18, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 29, 30, 32, 33, 34, 35 e 36).

- Sarmiento, J.A. (1955). *Lições de J.A. Sarmiento de teoria da contabilidade*. Coligidas por alunos do curso 1955/1956, edição policopiada. Porto: FEP.
- Silva, F.V. Gonçalves da (1948). "Luca Pacioli: o homem e a obra". Separata com o título "Luca Pacioli" anexa à *Revista de Contabilidade e Comércio*, Vol LII (n. 205, 1995). [Reedição de artigo publicado no vol. XVI (ns. 61/62, 1948) pp. 5-27, também editado em separata].
- Silva, F.V. Gonçalves da (1959). *Doutrinas contabilísticas*. Famalicão: Centro Gráfico de Famalicão.
- Silva, F.V. Gonçalves da (1968). *Contabilidade geral*. Vols. I e II. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora; Lisboa.
- Silva, F.V. Gonçalves da (1970). "*Curiosidades, velharias e miudezas contabilísticas*". Lisboa: Edição sem indicação de editor.
- Silva, F.V. Gonçalves da (1984). "Bosquejo duma sucinta história da contabilidade em Portugal". *Revista de Contabilidade e Comércio*, XLVII/XV VIII (1983/1984), ns. 187/192, pp. 503-514.
- Stevelinck, E. (1970). *La comptabilité à travers les âges*. Bibliothèque Royale Albert 1^{er}, Belgium.
- Tratado sobre as Partidas Dobradas* – Por meio da qual podem aprender a arrumar as contas nos livros, e conhecer delas, todos os curiosos impossibilitados de cultivar as Aulas desta importantíssima Ciência & c. (1764). Turin: Oficina de Diego José Avondo.
- Tratado sobre as Partidas Dobradas*. (1792). Lisboa: Oficina de Simão Thaddeo Ferreira.
- Vidal, Caetano Léglise da Cruz (1956). *Ensaio sobre um planeamento contabilístico racional*. Lisboa: Edição do autor, 1965.
- Vlaemminck, J.H. (1956). *Histoire et doctrines de la comptabilité*. Paris: Dunod. [Biblioteca da FEP: C.C. 105 ; n. 29623)].
- Vlaemminck, J.H. (1961). *Historia e doutrinas de la contabilidad*. Tradução para castelhano de J.M. González Ferrando. Madrid: Editorial E.J.E.S. [A tradução tem aditamentos e correcções introduzidos fitos pelo tradutor].
- Yamey, B.S. (1978). *Pious inscriptions; confused accounts*. Essays on the History of Accounting. New York: Arno Press.
- Yamey, B.S. (1947). "Notes on the origin of double entry bookkeeping". *The Accounting Review*, 22 (3), pp. 263-272.
- Yamey, B.S. (1975). "Historical accounting literature: Supplement". *ICAEW*, pp. XX a XXIII.

Anexo I. Quadro de Contas, conforme Lemarchand (1998: 553)

Tableau 1. Classification des comptes de Mathieu de la Porte (1704) ¹⁷	
<i>LES COMPTES SE REDUISENT EN TROIS CLASSES</i>	
<p><u>La première</u> est composée des comptes du Chef, ils n'expriment pas leurs titres, aucuns effets ni aucune personne, et sont</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Capital • Profits et pertes • Dépenses • Provisions • Assurances
<p><u>La seconde</u> renferme ceux des effets effectifs, qui sont de quatre sortes</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Argent comptant qui n'a que la caisse 2. Marchandises qui se divisent en <ul style="list-style-type: none"> • Marchandises entre nos mains pour notre compte • Marchandises entre les mains d'un autre pour notre compte • Marchandises entre nos mains pour compte d'un autre • Marchandises en société avec quelqu'un • Lettres et billets de change, promesses, obligations, etc., à recevoir 3. Effets en papier qui sont <ul style="list-style-type: none"> • Contrats de rentes • Argent donné à la grosse • Billets à payer • Traités et remises • Vaisseaux • Maisons et terres • Meubles • Intérêts dans les compagnies • Foires ou payemens 4. Effets particuliers comme <ul style="list-style-type: none"> • Un compte commun, pour les affaires réciproques • Un compte courant, pour leurs affaires particulières • Un compte courant, pour nos affaires particulières • Un compte des affaires en société • Un compte de divers menus débiteurs • Un compte de divers menus créanciers
<p><u>La troisième</u> comprend ceux des correspondans ou des personnes avec qui on négocie, à qui on en peut donner de plusieurs sortes selon les affaires; on peut les réduire à ceux-ci</p>	

¹⁷ Mathieu de la PORTE. *La science des négocians...*, op. cit., p. 182.

Anexo II. Amostra do cotejo de texto do livro “Ciência de Negociantes”, edição de 1704, com do livro “Tratado sobre as Partidas Dobradas”, edição de 1764

Science des Negocians 1704	Tratado sobre as Partidas Dobradas 1764		
(Tradução do francês antigo para português actual)	(Transcrito em português actual)		
Começo do Livro e Inventário.	Da forma como se devem principiar os livros.		
Pág. 467	Pág. 17		
P. Como se começam os Livros em Partidas Dobradas?	P. Como se devem principiar os Livros por Partidas dobradas?		
R. É preciso fazer um inventário ou uma lista do que se tem e uma outra do que se deve, como já expliquei na pág. 149.	R. É preciso fazer um inventário geral e expor nele todas as fazendas e efeitos que tenho, as dívidas activas e passivas.		
Forma-se para cada classe de coisas [Effets] uma conta que se debita por Capital como fiz no Diário Fl.1 Art. I. Assim formam-se as contas para as diferentes coisas que se têm, e designam-se como indicarei na pág. seguinte.	Este Inventário lança-se depois no Diário formando para cada qualidade de <u>efeito</u> um artigo, e tantas forem as qualidades tantas contas se devem formar e intitular como abaixo se verá, apropriando-se o título com o <u>efeito</u> .		
Pág 468	Pág 17 e 18		
<p>Dinheiro em contado: Caixa.</p> <p>Letras e Notas, Promessas etc.: Conta de cambios.</p> <p>Mercadorias no meu armazém: Mercadorias.</p> <p>Mercadorias entregues a um Comissário: Tais Mercadorias em fulano.</p> <p>Um navio ou parte de um navio: tal navio.</p> <p>Uma casa ou terras: tal casa ou terras.</p> <p>Uma renda: rendas.</p> <p>Uma parte em qualquer companhia: Tal companhia.</p> <p>Móveis: Móveis.</p> <p>O que alguém me deve de sua conta: fulano de sua conta.</p> <p>O que alguém me deve de minha conta: fulano de minha conta.</p>	<p>Por dinheiro de contado: Caixa.</p> <p>Letras e Bilhetes de Cambio: Letras de Cambio.</p> <p>Fazendas em armazém: Fazendas Gerais.</p> <p>Fazendas em poder de correspondentes: Fazendas em poder de Fulano.</p> <p>Navio ou parte dele: Tal Navio.</p> <p>Uma morada de casas ou terras: Tal casa ou terras.</p> <p>Interesse em alguma companhia: Tal companhia.</p> <p>Móveis da casa: Móveis.</p> <p>O que algum sujeito me deve por minha conta: Fulano M.C.</p> <p>O que algum sujeito me deve por sua conta: Fulano M.C.</p>		
por	Deve ou devem a Capital	Por	Devem a Capital

H. O. Carqueja

- P. Como se deve lançar no Diário os valores que se devem?
- R. Capital deve a cada um dos credores em particular. (*Ver Art, 2 Pág. 2 e explicação na página 150*).

Pág. 469

Operações que constituem o Comércio

Os negócios que se fazem no comércio são descritos a seguir

1. Comprar e Vender.
2. Emitir letras e negociar mercadorias com pagamento a prazo.
3. Receber e pagar.
4. Aceitar e Endossar.
5. Sacar e endossar.
6. Receber e dar dinheiro em câmbio por promessas.
7. Descontar e mandar descontar letras e notas de câmbio.
8. Receber e dar dinheiro à grande aventura.
9. Segurar e mandar segurar.
10. Receber e pagar rendas.
11. Reembolsar ou receber reembolsos de rendas.
12. Participação em Companhias.

Compras e Vendas

Diferentes maneiras de comprar e Vender.

As compras e vendas podem fazer-se de seis maneiras

1. A contado.
2. A pronto.
3. A prazo.
4. Parte a contado parte a prazo.
5. Troca.
6. Parte a contado, e parte em mercadorias.

- P. Como se deve no Diário escrever o que eu devo?
- R. É preciso formar um artigo em o qual se expõem todos os Credores e o que se deve a cada um em particular, quando se vence o pagamento, e de que é precedida a dívida carregando-se a conta de Capital, dizendo, Capital Deve as contas abaixo.

Pág. 18 e 19

Negociações que mais se cultivam no comercio

1. Comprar e Vender.
2. Rebatere e fazer rebates.
3. Cobrar e pagar.
4. Trespassar dívidas.
5. Sacar e remeter.
6. Tomar e dar dinheiro a juro.
7. Segurar e fazer segurar.
8. Comprar casas terras e arrendá-las.
9. Tomar interesse em navios.
10. Tomar interesse em companhias.

Comprar e Vender

As compras e vendas podem fazer-se de seis maneiras

1. A contado.
2. Como a dinheiro de contado.
3. A termo ou a pagamento.
4. Parte a contado parte a prazo.
5. Troca.
6. Parte à vista e parte em troco.

I. A Contado

Compra

- P. Quando se compram mercadorias e se pagam a contado?
- R. Mercadorias devem a Caixa. As Mercadorias devem porque entram e a Caixa é credora porque o dinheiro sai.

Pág 470

Entende-se em todas as perguntas que se tem uma conta de Mercadorias Gerais e não contas particulares de cada espécie de Mercadorias; entende-se também a palavra Caixa significa dinheiro de contado.

Venda

- P. Quando se vendem Mercadorias e se recebem a contado?
- R. Caixa, deve pelo dinheiro que entra, a Mercadorias que saem (*Ver Diário Fl 2 Art. 4*).

II. À confiança

Se a gente confia que se vai receber dentro de dois ou três dias deve-se fazer o registo como se fosse a contado, e proceder como acima. Mas se espera pagar ou receber a prazo mais longo ou em prestações; abre-se uma conta ao vendedor ou ao comprador, e procede-se como abaixo se indica.

Compra

- P. Quando se compram Mercadorias à confiança, só se paga o valor dentro de algum prazo, ou em vários pagamentos?
- R. Mercadorias que entram devem ao Vendedor que as fornece.

Venda

- P. Quando se vendam Mercadorias a pagar em dinheiro ou se receba o valor de uma vez ou em vários pagamentos?

- P. Quando compro fazendas a dinheiro de contado que devo carregar ou creditar no Diário?
- R. Fazendas devem a Caixa. As Fazendas devem porque entram e a Caixa é credora porque o dinheiro sai.

Pág 19 e 20

- P. Como devo lançar no Diário as Fazendas que vendo a dinheiro de Contado.
- R. Caixa deve a Fazendas, Caixa é devedora pelo dinheiro que nela entra, e Fazendas são credoras porque saem, advertindo que estes assentos ordinariamente só se lançam no Diário não no fim de cada mês.

- P. Quando compro Fazendas a dinheiro de contado como as devo escrever no Diário?
- R. Se eu entender que se passará algum tempo antes de as poder pagar, devo creditar por elas o vendedor, dizendo no Diário, Fazendas Devem ao vendedor.
- P. Quando eu vendo fazendas como a dinheiro de contado, e julgo que não receberei o dinheiro delas, se não passado algum tempo, como devo escreve-las no Diário?

H. O. Carqueja

R. O Comprador que os recebe, deve às Mercadorias que saem.

III. A prazo

Compra

P. Quando se compram Mercadorias pagáveis a certo prazo?

Pág 471

R. As Mercadorias que entram devem ao Vendedor que as fornece.

Venda

P. Quando se vendem Mercadorias a prazo?

R. O Comprador deve as Mercadorias pelo total da venda.

E Caixa deve ao comprador por cada parte que este paga em dinheiro.

V. Troca

P. Quando se compra ou vende Mercadorias em troca por outras Mercadorias.

R. Podemos debitar aquele com quem trocamos mercadorias pelas que lhes entregamos e debitar mercadorias, aquelas que me fornece em troca.

R. O comprador, que as recebe, Deve a Fazendas, que saem.

P. Quando compro Fazendas a pagamento [crédito], como as devo lançar no Diário?

Pág 20 e 21

R. As Fazendas, que entram, devem ao Vendedor, que as fia.

P. Quando vendo Fazendas a pagamento [crédito]?

R. O comprador, que as recebe, deve a Fazendas, que saem.

P. Quando eu compro, ou vendo Fazendas em troco de outras Fazendas?

R. Fazendas devem ao Sujeito com quem fiz o troco a importância daquelas que eu recebo, e o mesmo Sujeito deve a Fazendas, a importância das que recebe.